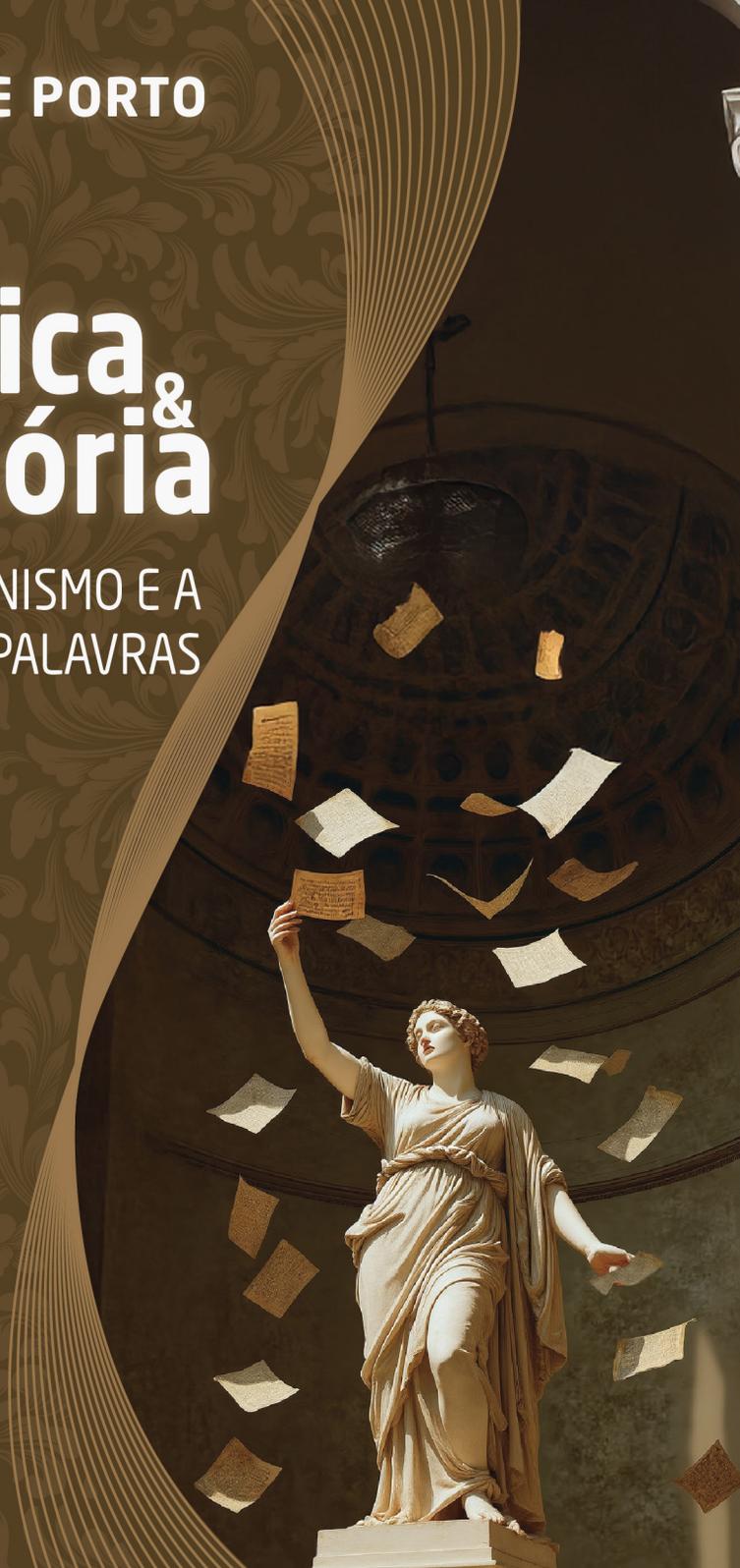


CRISTIANE PORTO

# Poética & Memória

O PARNASIANISMO E A  
GUERRA DE PALAVRAS





**Universidade Estadual da Paraíba**  
Prof<sup>a</sup>. Célia Regina Diniz | *Reitora*  
Prof<sup>a</sup>. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



**Editora da Universidade Estadual da Paraíba**  
Cidoval Moraes de Sousa | *Diretor*

### **Conselho Editorial**

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)  
Alberto Soares de Melo (UEPB)  
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)  
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)  
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)  
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)  
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

**EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500  
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

**Cristiane Porto**

**Poética &  
memória:**  
o parnasianismo e a  
guerra de palavras



Campina Grande - PB

2025



## Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

### Expediente EDUEPB

#### *Design Gráfico e Editoração*

Erick Ferreira Cabral  
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes  
Leonardo Ramos Araujo

#### *Revisão Linguística e Normalização*

Antonio de Brito Freire  
Elizete Amaral de Medeiros

#### *Assessoria Editorial*

Eli Brandão da Silva

#### *Assessoria Técnica*

Thaise Cabral Arruda

#### *Divulgação*

Danielle Correia Gomes

#### *Comunicação*

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

P853p Porto, Cristiane.  
Poética & memória [recurso eletrônico] : o parnasianismo e a guerra de palavras / Cristiane Porto ; prefácio de Trazibulo Henrique Pardo Casas. – Campina Grande : EDUEPB, 2025.  
123 p. : il. ; 15 x 21 cm.

ISBN: 978-65-5221-120-0 (Impresso)  
ISBN: 978-65-5221-121-7 (2.795 KB - PDF)  
ISBN: 978-65-5221-125-5 (5.866 KB - Epub)

1. Poesia Brasileira. 2. Memória Cultural. 3. Poemas - Feira de Santana (1940-1945). 4. Poemas - Jornal Folha do Norte. 5. Memória Poética. I. Título.

21. ed. CDD B869.1

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

(...) Feira de Santana! Alegria!

Alegria nas estradas, que são convites para vida na  
vaquejada, alegria nos currais de cheiro sadio, ale-  
gria masculina das vaquejadas, que levam para a  
vida e arrastam também para a morte! (...)

(EURICO ALVES. Poesia. Salvador: Fundação das  
Artes/Empresa Gráfica da Bahia, 1986. p. 68).

Aos meus pais, Petronílio e Mariete (*In Memoriam*), meus amores, minha base de amor e segurança eternamente.

O LIVRO *POÉTICA E MEMÓRIA: O PARNASIANISMO E A GUERRA das palavras* se anuncia, tranquilamente, como uma aproximação e passeio na memória poética de uma cidade localizada na região nordeste do Brasil, Feira de Santana. A escritora Cristiane Porto estabelece a investigação, temporalmente, entre 1940 – 1945, período da chamada Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Fundamentando-se teoricamente nos estudos da memória cultural, a pesquisa promove o encontro com os poemas publicados no jornal *Folha do Norte* (Feira de Santana), de 1940-1945 (mais de 180 poemas, ver os sete quadros no capítulo 3).

A autora destaca que no livro encontram-se os nomes dos poetas que mais publicaram no jornal, ressaltando “a questão do estilo Parnasiano dominante nos poemas dos escritores mais publicados no período”. O primeiro poeta que publica no jornal *Folha do Norte* em 1940 é Aloísio Resende. De estilo parnasiano, Resende apresenta em sua poesia “uma natureza mística a qual ele cativava no Terreiro de Mãe Filhinha, neste ele ainda buscava uma nova modalidade para sua arte poética”. Este anseio é facilmente comprovado através do poema que segue:

## **MANOEL DE XANGÔ**

*De Manoel de Xangô distante corre a fama,  
Pois dêle o povo diz coisas tão singulares,  
Que bem pouco há descrer do quanto se proclama  
Desse babá-laô de exóticos esgares.*

*Entanto em se lhe vendo a vez primeira crê-se  
De uma pobre criatura, apenas, se tratar,  
Porque nada de mais nos falsos gestos lê-se,  
Que o pai-de-santo venha ao menos revelar.*

*Quando na intimidade, ali, no seu terreiro,  
Deixa como de parte os recatos e as manhas.  
Deixa, para se vê o ousado macumbeiro.  
Com trajeitos expondo de múltiplas façanhas.*

*Fala de si com garbo e com certo entusiasmo.  
Descreve fatos tais como o próprio céu duvida,  
Fatos que de se ouvir até se fica pasmo,  
Que a glória são, talvez, maior de sua vida.*

*Do feitiço se preza ao saber que é temido  
E chama-o de responso o preto não papalvo,  
Prevendo achar-se um dia em tramas envolvido,  
Para que possa ver-se um tanto posto a salvo.*

*De já ter acabado um próximo casório  
E' de que mais se ufana o cafuz da Tapera,  
E diz que tudo fez com simples responsório,  
Acho desse poder que então Xangô lhe dera.*

*Caro embora pagasse a atrevida aventura,  
Pois qual recebera um distinto presente,  
Si dêle o caso ouvindo exalçam-lhe a figura,  
Demonstra o riso que um certo orgulho sente.*

*E o Manoel de Xangô, que não sabe ter pena,  
Mas sabe da macumba o mal que vai fazer,  
Tal mexeu no alguidar, que a formosa morena,  
Nunca mais, nunca mais do noivo quer saber.*

Porto, salienta que, o poeta “fala da sua identidade de homem inserido no misticismo religioso de uma forma heterogênea, há de certa forma, uma modernidade embutida em seus versos parnasianos, mas que falam de uma identidade de homem místico e mulato, sinalizando para suas raízes. Não queremos dizer aqui que se trata de um poeta modernista, mas que se trata de um poeta de estilo parnasiano que já começa a esboçar em seus versos traços de um modernismo revelado”

*Poética e Memória* tem ainda outra face ao focalizar a poética de Godofredo Filho e a poética de Eurico Alves, poetas feirenses expoentes do Modernismo na Bahia, no período da primeira metade do século XX. “O que mais buscamos com esse tatear de esboço de prosador ao falar de Godofredo Filho e Eurico Alves, foi reinaugurar lembranças, redundando em tomar a linguagem em estado de reencenação e, a cada reencenação, como se fosse a vez primeira”. E nesse ‘tatear de esboço de prosador’ encontramos o poema que Eurico Alves escreve para Manuel Bandeira:

## *Elegia para Manuel Bandeira*

*Estou tão longe da terra e tão perto do céu,  
quando venho de subir esta serra tão alta...  
Serra de São José das Itaporocas,  
afogada no céu, quando a noite se despe  
e crucificada no sol se o dia gargalha.  
Estou no recanto da terra onde as mãos de mil virgens  
tecem céus de corolas para o meu acalanto.  
Perdi completamente a melancolia da cidade  
e não tenho tristeza nos olhos  
e espelho vibrações da minha força na paisagem.*

*Os bois escavam o chão para sentir o aroma da terra,  
e é como se arranhassem um seio verde, moreno.*

*Manuel Bandeira, a subida da serra é um plágio da vida.  
Poeta, me dê esta mão tão magra acostumada a bater nas teclas  
da desumanizada máquina fria  
e venha ver a vida da paisagem  
onde o sol faz cócegas nos pulmões que passam  
e enche a alma de gritos da madrugada.  
Não desprezo os montes escavados  
tal o meu romântico homônimo de Guerra Junqueiro.  
Bebo leite aromático do candeial em flor  
e sorvo a volúpia da manhã na cavalgada.  
Visto os couros do vaqueiro  
e na corrida do cavalo sinto o chão pequeno para a galopada.*

*Aqui come-se carne cheia de sangue, cheirando a sol.*

*Que poeta nada! Sou vaqueiro.  
Manuel Bandeira, todo tabaréu traz a manhã nascendo nos olhos*

*e sabe de um grito atemorizar o sol.*

*Feira de Santana! Alegria!*

*Alegria nas estradas, que são convites para vida na vaquejada,  
alegria nos currais de cheiro sadio,  
alegria masculina das vaquejadas, que levam para a vida  
e arrastam também para a morte!*

*Alegria de ser bruto e ter terra nas mãos selvagens!*

*Que lindo poema cor de mel esta alvorada!*

*A manhã veio deitar-se sobre o sempre verde.*

*Manuel Bandeira, dê um pulo a Feira de Santana*

*e venha comer pirão de leite com carne assada de volta do curral  
e venha sentir o perfume de eternidade que há nestas casas de  
fazenda,*

*nestes solares que os séculos escondem nos cabelos desnastrados  
das noites eternas*

*venha ver como o céu aqui é céu de verdade  
e o tabaréu como até se parece com Nosso Senhor.*

Um poema de Godofredo Filho? Não, agora é com você,  
aproveite bastante essa bem realizada investigação.

Desejamos ler outras vezes *Poética e Memória*.

2025, Trazíbulo Henrique Pardo Casas

# SUMÁRIO

---

<b>PREFÁCIO</b>	<b>7</b>
<hr/>	
<b>1 ESBOÇO DE UMA PROSA</b>	<b>13</b>
<hr/>	
<b>2 A MEMÓRIA EM BUSCA DAS IMAGENS PASSADAS</b>	<b>22</b>
<hr/>	
<b>3 À PROCURA DO DIÁLOGO COM A POESIA — RECORTES DE UMA HISTÓRIA</b>	<b>44</b>
<hr/>	
<b>4 EM UMA CIDADE DE POÉTICA PARNASIANA: EURICO ALVES E GODOFREDO FILHO: DOIS CASOS À PARTE</b>	<b>83</b>
<hr/>	
<b>CONCLUSÃO: ESPAÇO DA INCLUSÕES</b>	<b>109</b>
<hr/>	
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>112</b>

# 1 ESBOÇO DE UMA PROSA

*(...) E peço silêncio; e oscilo*  
ante a memória e me esqueço  
de mim vestido em penumbras(...)  
Pereyr (1997)

QUANDO SE DECIDE ESTUDAR LITERATURA BAIANA, NÃO SE pode passar ao largo da produção literária da região de Feira de Santana. Coube a poetas dessa região a produção embrionária do Modernismo. E essa é apenas uma das importâncias dessa literatura que tem vocação insistente, para a poesia. A Feira de Santana congregou e ainda congrega o novo e o velho em justaposição.

Não é sem razão que um olhar perscrutador percebeu, que nesse território, ouve-se, nítida e simultaneamente o arcaico e o moderno, mirando-se na mesma medida que se evocam. O passado fragmentado pode, então, ser percebido pelo presente, que clama por uma recuperação homens e poetas. Apropriando-se de reminiscências, estabelecendo, assim, o trabalho de resgate da memória poética de Feira de Santana no período de 1940 a 1945.

Sabemos que historiar um período é algo que nos leva a refletir em torno de diversos e múltiplos aspectos, um deles é a inexatidão da própria história. Fazer o resgate da memória poética da cidade de Feira de Santana do período supracitado, para nós, é uma forma de traçarmos uma linha imaginária

entre o passado adormecido e o passado recordado, de forma a nos ajudar a construir uma história literária de FSa. No entanto, não foi possível ocupar todos os espaços do esquecimento fazendo-o voltar a ser memória. Tentamos tratar a memória de forma cuidadosa, ordenando seus aspectos lógicos, objetivos, mas não dispensando sua magia encantória para evocarmos o passado e recontá-lo no presente.

Feira de Santana traz na esteira de sua história o referencial de no passado ter sido conhecida como uma cidade agradável, e até mesmo sedutora para seus artistas. Apesar de ser a segunda cidade mais importante do estado da Bahia, percebia-se em seu quadro citadino, uma atmosfera interiorana representada pelo hábito de colocar cadeiras na calçada para o bate-papo, os “causos”, de final do dia um costume análogo ao dos antigos que perpetuaram a tradição quando, ao redor de uma fogueira, os mais velhos contavam as histórias de sua cidade aos mais novos.

Feira de Santana também foi palco de passeios pelas praças e coretos, testemunha de uma época em que andar pela cidade era uma experiência prazerosa e sem riscos. Todo esse ritual fazia parte de uma rotina que, mais tarde, expressaria a cultura e a identidade das cidades do interior. Aliada à paisagem, esta cidade, plantada no limiar do sertão baiano, mantém ainda suas famosas feiras de gado.

Hoje, FSa perdeu a paisagem descrita tantas vezes por seus poetas e cronistas, a exemplo de Eurico Alves, no poema *Canção da Expectativa*:

Cinco horas. A tarde mansa, serena,/ sobre a vila  
silenciosa,/ cai de leve, bem de leve,/ e adormece  
sorrindo como uma criança.(...) (v.1-4) / Pelas ja-  
nelas e nas calçadas,/ vão conversas de noivados./  
(...) (v.5-6) A tarde adormece sorrindo/ sobre a vila

A cidade cresceu, o progresso chegou, o poeta que surge entre os anos 60 e 70 do século 20, adverte: “Aquela ‘identidade’ dos bons tempos desapareceu e, e mesmo ela, só nas lembranças de alguns ficou” (Alves, 1990).

No decorrer do nosso texto, memória e esquecimento se remetem mutuamente na busca de tornar mais relevante o resgate efetuado. Assim, na tentativa de recuperar a história e as histórias desta Feira de Santana que, nos anos de 1940 a 1945, abrigou alguns poetas, muitos deles de essencial importância na construção de uma memória feirense, é que surgiu a idéia de investigar a obra poética desses artistas do verso. Consideramos a poesia feirense um espaço de recordação que nos faz conhecer o tempo descrito pelos autores.

Conjecturando a recuperação do universo simbólico uma vez que memória e esquecimento tratam-se de partes convergentes, pois, se há esquecimento, é porque antes, houve uma memória e, conseqüentemente, só se esquece daquilo que um dia teve abrigo nas zonas da lembrança.

Visto que, só a partir da década de 1950 começa a existir em Feira de Santana um registro mais ou menos sistemático da produção poética da região, optamos por resgatar a memória de Feira de Santana na medida em que se fará o resgate da obra de poetas que viverem e escreveram sobre a cidade no período compreendido entre 1940 a 1945, observando o contexto cultural da cidade, encaixando os poetas no quadro histórico que se apresenta. Fizemos um inventário, de forma a mostrar os nomes que produziram esta poesia nos cinco anos de estudo. A partir daí, dentre os nomes elencados, procuramos aqueles que possuíram uma escala maior de publicação no periódico para estudá-los, observando com senso crítico o comportamento da poesia nos seus aspectos intrínseco

extrínseco.

No período estudado, observamos que no jornal Folha do Norte, há publicações de nomes como: Antônio Lopes, Aloísio Resende, De Oliveira Lopes, Honorato Filho entre outros, eram frequentes em seus números. O periódico com uma tiragem semanal por ser o jornal mais importante da cidade na época, que trazia em seu corpo publicações destes e de outros poetas. Esses poetas têm um espaço quase que sagrado nos anos estudados por nós, entretanto os dados que encontramos sobre cada um deles não nos remeteram a certezas, mas criaram uma forte expectativa em poder resgatar o trabalho que amarelou e quase caiu no total esquecimento da história literária de Feira de Santana.

A poesia feirense no período de 1940 a 1945, com exceção de poetas como Eurico Alves e Godofredo filho, não possuía uma sistematização quanto à produção e à cronologia. O passado fragmentado é, assim apercebido pelo presente e este se integra em uma confluência onde constroem o irremediável futuro, o arcaico e o moderno mirando-se na mesma medida que se evocam.

Feira de Santana entre 1940-1945 consolida a transformação política e cultural instalada, sobretudo, após a Revolução de 30. Toda essa mudança no quadro político econômico não poderia deixar de atingir FSA, que diante de tal fato, percebeu uma classe comercial emergente. Essa classe vai, de certo modo, causar mudanças na vida cultural da cidade, trazendo a luz uma nova preocupação para elite intelectual feirense, cuja preocupação maior, passa a ser a preservação da memória da cidade.

A classe intelectual que nesse período se consolida é formada por elite feirense com um poder aquisitivo maior. Os jovens fazendeiros que estudavam fora da cidade, percebem a crise de identidade que começa a se formar devido ao crescimento

do comércio, e a assustadora imigração de pessoas.

Feira de Santana, por ser um dos maiores entroncamentos rodoviários do Norte e Nordeste, tem em meio a sua população, pessoas as quais chegavam de toda parte do país. De imediato vinham apenas para passar a noite, contudo essas pessoas passam a se estabelecer definitivamente em Fsa, o que vai causar uma diversidade e multiplicidade de culturas.

Tratando-se de uma cidade que tem sua origem no comércio de Gado, Feira de Santana tem nesse momento, 1940-1945, tem por parte de sua classe intelectual, a disposição para recuperar e manter a memória de uma cidade que tem no vaqueiro, símbolo responsável pelo nascimento da cidade. A luta para manter viva a memória da cidade centrada na figura do vaqueiro e sertanejo tem nos artistas da terra a base forte para ir a frente. Todavia ela enfraquece, pois essa elite intelectual cujo propósito era manter viva a memória da cidade, não é suficientemente forte diante de uma imigração muito grande de comerciantes de couro vindos de outros estados como, Pernambuco e Sergipe. O comércio, mais que nunca suplanta o aspecto cultural da cidade e a partir daí Feira começa a assumir, nesse momento, sua posição de entreposto comercial e entroncamento rodoviário.

A memória que buscamos recuperar torna-se texto, sendo assim, o presente que narra o passado. Tirar a poeira do passado, trazê-lo à tona com uma leitura que não se isenta do presente, é o risco percorrido por nós, enquanto aprendizes de construtores de memória cultural e literária de uma cidade como FSa. Mesmo registrando as algumas marcas do tempo e da cultura deste, não é possível recordar em plenitude todo o material relegado a zona nebulosa da memória.

Entretanto, a vida daqueles que desapareceram no tempo volta no momento em que registramos seus poemas e sentimentos, combinando processos rememorativos que explicam

a memória recuperada. Ao relembrarmos a cultura recuperamos os sentimentos e vivências daqueles que escreveram, os cruzando com àqueles que leem agora, de forma a criar o pertencimento ao lugar em que nascemos.

A preocupação em resgatar e manter a memória viva de uma terra e de um povo ganha espaços nos estudos acadêmicos pelo país afora, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) não é exceção. Nosso texto se fundamenta e se estabelece em uma linha que aqui no Instituto de Letras enquadra-se como *Documentos da Memória Cultural*. Desenvolvida há alguns anos no Instituto de Letras da UFBA. Uma memória estudada em grande parte através de textos e da oralidade, recolhendo traços da cultura de um povo, principalmente porque está na oralidade o início de toda a história humana. É através da palavra falada que a escrita se revela. A construção do nosso tempo, de nossa memória deve passar por todos aqueles que se interessam em reescrevê-la no presente.

O texto escrito é a verdadeira essência do milagre de escrever e, em todas as comunidades, a capacidade de cruzar a soleira do passivo para o ativo, de passar de vítima a dominador da palavra escrita, foi a mais revolucionária de suas conseqüências, ainda que a mais ilusória.

Explicar e dar conta da palavra *memória* nos faz viajar até a Grécia antiga, onde esta era vista como uma deusa - *Mnemosyne*, conceituada por Notopulos da seguinte forma:

Memória distingue-se do hábito, representa uma difícil invenção, a conquista progressiva pelo homem do seu passado individual; como a história constitui para o grupo social a conquista do seu passado coletivo (LeGoff, 1996, p. 436).

A memória pode traduzir-se como algo que pode conduzir

a história ou distanciar-se dela, mas que é a faculdade evocadora e conservadora do passado, o que é feito voluntariamente em um tempo onde permanece com sua rebeldia a inteligibilidade. O evocar de uma memória poética traduz-se em sonho, beleza e encantamento pelas lembranças deixadas em cada letra impressa nos poemas do Folha do Norte.

Rememorar um tempo é ter como base um posicionamento ético e avaliações objetivas, não podemos atacar uns e dar mais importância a outros fatos ou pessoas, cabe a nós um ajuste, uma busca do que existe, tirando a poeira do esquecimento. Tentar fazer este esquecimento a ser memória novamente é um dos pontos essenciais quando se rememora um tempo, é a busca incessante da mais pura sinceridade. Rememorar é tornar-se uma testemunha da história.

O baú, que é um elemento do espaço doméstico, funciona mesmo como metáfora de toda obra. Ao reconstruir o passado é como se o narrador ressuscitasse os seus mortos; como se recompusesse, a partir do esqueleto (...) as figuras e as coisas levadas pelo tempo mas guardadas na memória do escritor como os ossos do baú. As *Memórias* são, assim, como uma montagem de coisas retiradas de um 'baú de surpresas', conforme observou Drummond em uma crônica decisiva de Nava. Ao escrevê-las, Nava procedia como quem colasse miudezas, justapondo materiais dos mais diversos tipos, para dar forma à sua escritura (Aguiar, 1998, p. 46).

A metáfora do baú trazida por Aguiar (1998), faz-nos recordar da memória como arca, mnemotécnica cristã criada por Hugor de São Vítor abordada no trabalho de Assmann (2011). Nessa metáfora temos a memória trazida numa arca, como a

de Noé em que a memória é concebida “como um recipiente para o saber que se deve coligir e preservar” (Assmann, 2011, p. 128).

É a partir da cultura escrita que são criados diferentes espaços de memória para “armazenamento” da história. Consideramos os poemas aqui trabalhados essenciais para preservação da memória feirense, bem como uma arca em que é possível localizar diferentes registros de memória.

Através do poeta e sua relembração lírica, o tempo de 1940-1945 em Feira de Santana, é recordado de forma sensível e objetiva, retratando uma solidão poética a comungar com uma história da cidade, marcada pela figura do vaqueiro sertanejo, cujo progresso envolve, deslumbra e assusta. Entretanto a memória faz explodir a revolução de uma cultura popular relembrada e impressa na Poética e Memória: O Parnasiano e a Guerra das Palavras (Feira de Santana 1940 – 1945).

Na poética e na memória de Feira de Santana, vemos o arcaico e moderno se evocando. Um Antônio Lopes que escreve sonetos e que só concebe a forma fixa como expressão da poesia; possuidor de estilo predominantemente Parnasiano. Aloísio Resende cantando todo seu misticismo em seus poemas cujo tema central são os mitos do candomblé e seus rituais de adoração. E até mesmo, um Honorato Filho dono de poemas basicamente religiosos, beirando o estilo Barroco, mas predominando o Parnasianismo, faz-nos mergulhar em um quadro híbrido de poemas e escritores.

A voz do poeta que está sendo resgatada foi o registro literário da poesia em Feira de Santana. Uma voz que ficou sufocada pelas camadas de uma memória transformada em esquecimento, volta a ser memória no momento em que evocamos o passado e o buscamos nos poemas e nas vozes dos escritores feirenses. O encontro marcado com cada poema e poeta tornou-se o desvendar de um significado único numa tentativa

de transcender o próprio tempo e o esquecimento.

Feira de Santana traz a luz dois filhos de especial importância dentro da história da literatura baiana; Godofredo Filho e Eurico Alves. Mestres do verso, representantes mais relevantes do modernismo na Bahia. Estes dois expoentes deixam escrito em seus poemas o sentido alquímico e visceral do ser poeta, encontrando forças de finitude vindas do fora de si, demarcando ainda, as fronteiras da modernidade, estabelecendo sua posição no espaço e no tempo do discurso.

O escritor apropria-se do que lhe foi colocado sobre o dorso e consome as palavras para alimentar a própria matéria trabalhada. A literatura tem uma vontade, um poder; o poeta é movido por um desejo e não por um determinismo social, ele libera valores e sentidos de mobilidade, compondo um quadro e delineando um corpo feito de palavras. Acreditamos que todas as vibrações poéticas lidas e resgatadas, compõem um tecido literário potencializado de forma múltipla, liberando as forças de seu discurso em relação a outras forças presentes em tantos outros discursos.

Escrever é transformar, é reler, atrair palavras. Escrever é criar uma arca para a memória. A memória é acionada para ser esquecida e, no silêncio da sombra, os ecos e vozes de um tempo resgatado pelo presente, tecem a memória poética de Feira de Santana, colocando-a em movimento, definindo-se como um interminável e sempre outro rio, revelando poetas recalçados pela poeira do esquecimento. O poeta procura seus meios, seus objetivos são traduzidos e metamorfoseados para os homens, para um tempo numa percepção sobre o mundo no qual o próprio tempo é revertido em linguagem produzida sobre o que está sendo vislumbrado.

## 2 A MEMÓRIA EM BUSCA DAS IMAGENS PASSADAS

*“(...) E tudo volta,  
no tempo ignorado - como volta  
esta lembrança informe, círculo mágico, bola de fogo”.*

### 2.1 MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: OLHARES QUE SE VÊM

Em uma época em que os paradigmas estão em crise, o homem tenta rever sua história. Na contemporaneidade, mais que nunca, o estudo da memória começa a tomar seu espaço dentro e fora das academias, tentando rever o curso da história e a relação dos grupos sociais e da cultura em um contexto mais amplo. Diante da tradição, que traz nas suas dobras possibilidades renovadas de leitura em função do equacionamento de problemas atuais, a memória passa a ser entendida também como um costume coletivo. A memória é evocada, em sua natureza fragmentária, funcionando como um dos elementos indissociáveis de toda a ação, na medida em que colabora para a projeção de um acontecimento na perspectiva de que a partir da memória podemos ordenar os fatos.

Uma memória estudada, em grande parte, através de textos e da oralidade, recolhe traços da cultura de um povo, principalmente porque está na oralidade o início de toda a história humana. É através da palavra falada que a escrita surge. A construção do nosso tempo, de nossa memória deve passar

pelo ouvido de quem ouve o passado, o início, reescrevendo-o no presente.

O conceito de memória, nesta perspectiva, servirá de suporte para lançarmos idéias e abriremos caminhos dentro do estudo da memória poética em Feira de Santana. Para melhor situarmos teoricamente a questão da memória, necessário se faz recorrer à fonte da cultura grega, isto é, à sua mitologia, evocando Mnemosyne, a personificação da memória.

Mnemosyne, ou a deusa da Memória, é a amada de Zeus e a mãe das nove Musas (Clio, Euterpe, Talia, Melpômene, Terpsícore, Érato, Polímnia, Calíope e Urânia), as quais foram geradas em nove noites, tendo por seu pai Zeus. A deusa mãe é representada como uma mulher que apoia o queixo na mão, numa atitude de meditação. Alguns antigos pintaram-na com os traços de uma mulher de idade quase madura: penteado enriquecido por pérolas e pradarias, segurando a ponta da orelha com os dois primeiros dedos da mão direita.

Para os gregos, a memória era algo de sobrenatural ou divino, ela tinha o poder de os transportar ao passado e de lembrar este passado para os membros de uma comunidade. A memória torna-se, assim, inseparável do sentimento de tempo ou a percepção do tempo como algo que flui sob forma de ecos de fatos que se passaram.

A memória ainda era, na Grécia antiga, de essencial importância para a preparação e o aprendizado dos mestres de retórica. Estes criaram métodos de memorização, constituindo assim a arte da memória, a ser utilizada também por outras disciplinas.

Os romanos julgavam que além da memória natural, os seres humanos eram capazes de desenvolver uma outra memória, capaz auxiliar a memória espontânea. Daí o termo *memória artificial*, que consiste na arte da memória, ou seja, na prática de métodos de memorização (Chauí, 1995, p. 126).

A idéia de memória artificial se mantém até os dias de hoje. Os computadores são um exemplo, pois estes possuem uma memória artificial criada pelo homem. Contudo, a diferença entre a memória virtual antiga e a da atualidade, é que a antiga tem como guardiã de informações a própria mente humana, enquanto a atual é colocada em máquinas, e em algumas dessas, a memória artificial tenta ultrapassar a memória humana.

Vista sob este ângulo, a memória ordena a existência, tentando manter vivo os costumes de um tempo, de diversas formas sendo que a oralidade predomina na codificação de mensagens. Com um cabedal imenso de registros, a memória não encerra em si um sentido de tempo único, exceto em situações de resistência em que a tradição e seus aspectos básicos se mantêm inalterados.

A memória é então concebida enquanto mantenedora de conhecimentos, fatos e valores do passado que se projetam e norteiam o presente, pelo processo de ativação da lembrança que traz a luz e conserva sensações e reminiscências.

Para o filósofo francês Henri Bergson, a memória não é a regressão do presente no passado, mas sim, o processo do passado no presente, pois é no passado que buscamos nos situar imediatamente. Através de diversos planos de consciência diferentes, partimos de um estado que ele chama de *virtual*, para sermos conduzidos, aos poucos, à materialização de uma percepção atual (Abbagnano, 1982, p. 629). Tal estado é um ponto que se faz presente e agente, num plano extremo de nossa consciência, no qual desenhamos o nosso corpo. Procedendo a uma análise interna, Bergson faz uma distinção de dois tipos de memória: a memória-hábito e a memória pura ou propriamente dita.

A Memória-hábito é entendida como mecanismo dos motores, espécie de automatismo psíquico adquirido pela repetição

contínua, um conjunto de esquemas de comportamentos que se mantêm pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. Fixação mental elementar adquirida pela força de repetir a mesma coisa, conceito limite de uma experiência corrente em cada um de nós, estes seriam aspectos da função prática da memória, que limitam e levam o sujeito a reproduzir comportamentos já sacralizados pela sociedade, como uma reserva crescente de experiências adquiridas, o que Ecléa Bosi chama de *adestramento cultural* (Bosi, 1994, p. 45).

A memória pura é, pelo contrário, aquela que não precisa de repetição para se manter na lembrança, resguardando palavras e fatos únicos, coisas individuais que habitam a nossa subjetividade de forma significativa. Guardamos nesta memória – ela possui um caráter evocativo – acontecimentos que causaram um forte impacto em nossas vidas. “Sonho e poesia são, tantas vezes, feitos dessa matéria que estaria latente nas zonas do psiquismo, a que Bergson não hesitará em dar o nome de ‘inconsciente’” (Bosi, 1994). É esta imagem em forma de lembrança que aflora de forma individual, muitas vezes, ficando em alto relevo apenas o recorte de um fato que aconteceu há muito tempo. Percebe-se que o interesse por determinada coisa ou fato é o que vai decidir a fixação e evocação deste. Segundo Bergson a memória pura será a liberdade, espontaneidade, operando no sonho e na poesia, situada no espaço livre e privilegiado do ser.

O passado que tenta se manter inteiro, atualizado pela lembrança, sobrevive no espírito de cada ser humano, aflorando imagens passadas retidas no domínio das sombras que são um verdadeiro tesouro da memória. Essas imagens capazes de ser transportados para o presente de forma espontânea quando liberadas pela nossa consciência. Memória que para Bergson:

é uma força espiritual prévia a que se opõe a substância material, seu limite e obstáculo. A matéria seria, na verdade, a única fronteira que o espírito pode conhecer. A matéria levaria ao esquecimento, bloqueando o curso da memória (Bosi, 1994).

O esquecimento que antes foi memória é o elemento responsável pela triagem de lembranças que acumulam experiências ligadas ao dia-a-dia. Lembranças cortadas pelo imediato de nossas vidas, as quais serão ativadas pela relembração, traçando desta forma, o caminho para o manifestar de uma memória. A este preço o passado continua vivo. Vejamos o que diz Paul Zumthor: “Nossas culturas só se lembram esquecendo, rejeitando uma parte do que elas acumularam de experiência” (1997, p. 30).

A função do esquecimento manifesta-se em níveis coletivos e individuais, comportados pela memória enquanto variantes de conservação de dados e lugar de tensões criadoras.

A cultura de um povo, possuidora de uma força própria, resume em si múltiplas posições, pois a tradição funciona como um repertório de paradigmas o qual se relaciona as suas inerentes virtualidades.

A memória alcança um registro pessoal, mostrando também uma memória social e familiar, situada no espaço onde se cruzam os modos de ser do indivíduo e o da sua cultura. Este esquecimento, antes apagado, se manifesta também através dos fragmentos que abrigam estes dois tipos de memória. As mais vivas recordações emergem de forma latente depois que a relembração envolve o esquecimento, dando uma consciência de momento atual e passado, interpenetrando e iluminando-o, fazendo-o memória.

Esquecimento é visto ainda, como um mecanismo explorado pelas culturas hegemônicas que visam excluir da tradição

alguns elementos da memória coletiva, eles se tornaram inaceitáveis.

O esquecimento é uma das armas da sociedade capitalista de consumo. Esta bloqueia os veios das lembranças, tentando apagar rastros e arrancar marcos importantes na formação da cultura de um povo. O capitalismo é também responsável pela falta de divisão entre vida pessoal e profissional, na maioria das vezes, já que ambas se entrelaçam a todo mundo.

A lembrança da consciência de um povo apresenta o corpo de idéias e representações que hoje se chama ideologia. Modelar o passado e recompor a biografia sua e de um povo não deixam de ser um processo de desfiguração do passado. Porque cada um segue padrões e valores individuais o que reafirma a questão ideológica de cada um.

Uma tradição se mantém pela narrativa de fatos e lembranças, o esquecimento da tradição é um dos fatores que contribuem para que um povo perca seu referentes históricos. Estes em nossa sociedade são guardados por homens que saem da ativa, ou seja, aqueles que se não possuem mais um emprego oficial e cotidiano que podem ser explorados pela sociedade capitalista.

Numa sociedade capitalista, é no momento da aposentadoria que a pessoa passa a não ser ativa socialmente, sua “utilidade” é vista apenas pelo retorno social que oferece nos anos em que são trabalhados, ao tempo em que é conveniente socialmente. “A degradação senil começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha” (Bosi, 1994, p. 80).

Em nossa sociedade ficou a responsabilidade dos aposentados, a função de lembrar o passado.

O que se poderia, no entanto, verificar, na sociedade em que vivemos, é a hipótese mais geral de que o homem ativo (independente de sua idade) se

ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado (Bosi, 1994, p. 63).

Ecléa Bosi nesta citação faz aflorar elementos que demonstram que o ato de lembrar está também veiculado ao ato de “descanso” por parte daqueles que não mais encontram fazendo parte da sociedade veiculada como proletária. O olhar zeloso destas pessoas, o ato de lembrar, faz cada uma mergulhar na sua história pessoal. História que se instaura, relacionando presente e passado em um momento fértil de possibilidades, expondo assim, formas essenciais de sua vida pessoal e da cultura da qual elas fizeram e fazem parte.

Lembrar, exercitar a memória é algo que não se dissocia de improdutividade social, daí ser tecido dentro de cada pessoa a evocação de um tempo que se torna presente em um instante onde a efetividade revigora os compassos rígidos desativados. O momento lembrado é oferecido como um exercício de congenialidade, cruzando uma história e a intimidade, mais público e mais pessoal. Este momento que está cristalizado ordena o mecanismo entre esquecimento e memória, deliberam-se assim, as evocações passadas que se tornam presentes em focos e direções em meio a diversidade dos acontecimentos vividos. A evocação, o acionar do esquecimento pela lembrança, não atinge apenas o pensamento, mas também torna-se sempre de novo a imaginação, o fantástico e o emotivo, arrumando-se no mesmo tempo em camadas do humano.

À margem das histórias oficiais, a memória resiste entre a coragem e a paciência numa teimosia que se baseia na lembrança de episódios fragmentários envolvendo cenas e as pessoas queridas e veneradas. Contudo, esse lembrar traz para

este tempo o tempo passado. Não há hesitações em maquilá-lo com as tintas de tempo atual, deixando-nos diante de um individual com existência coletiva, apoiando-se em materiais de uma cultura, compondo um quadro que se desloca de um foco para outro de acordo o que cada homem lembra.

Dentro desse movimento de memória e esquecimento – esquecimento que não deixa de ser, em sua origem, a memória – engendram-se ativando fatos passados em suportes mnemônicos. Estes fazem jorrar as referências concretas de nossas iniciativas em buscar a conservação das vozes que passaram, mas que ainda ecoam e se evocam fortemente dentro desse tempo que chamamos de presente.

Feira de Santana, no período de 1940 a 1945, faz parte também de uma memória que se mantém estagnada nas páginas de jornais e livros do período acima declinado. É também recorrendo a uma memória escrita e oral da poesia de FSA que tentaremos recuperar um momento poético da cidade. Fazendo tal qual a deusa Mnemosyne, lembrando membros partidos mas presentes em nossas mentes e registrado nas páginas do tempo.

## **2.2 MNEMOSYNE E O POETA, ANTIGOS CÚMPLICES**

O povo grego percebe o desenvolvimento de uma memória coletiva, mantida pela tradição oral, a qual se manifestava através do poeta, aedo. Aedo àquele que exercia a arte do canto e arte de narrar, o talento de tecer a história através de sua música e a unidade de sua linguagem.

Transpondo o estudo da memória individual para a coletiva, tal qual aparece na Grécia antiga, a memória se apresenta como uma representação, difícil invenção. Seria a conquista progressiva do homem, do seu passado individual, transpondo-a para a sua história e atingindo o plano coletivo. Segundo Jacques Le Goff:

O poeta é pois um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como adivinho o é do futuro, testemunha inspirada dos tempos antigos, da idade heróica e, por isso idade das origens (1996, p. 438).

Como testemunha inspirada, ele, que se vê envolvido pela memória de um povo e narrando dentro de uma tradição poética, evoca as musas para dá-lhe boa lembrança, colocando-o entre os *mestres da verdade*.

O poeta é o mestre da verdade que mantém dentro de si a recordação de um tempo que ganha uma nova dimensão ao expressar não só a si mesmo, mas também as preocupações e anseios de um tempo passado e presente, prevendo o futuro. Segundo Walter Benjamin, “O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros”. (Bosi, 1994, p. 43).

Neste trocar de experiências o poeta cria, qual demiurgo mundos onde ele celebra a história envolvido por metáforas, as quais representam a sua ânsia em fundir seu mundo interior e exterior. As palavras funcionam como pontes que fazem a ligação, elas buscam descrever a inquietação e a busca do poeta diante dos dois mundos que se interpenetram, todavia não se fundem.

Através do poeta e sua relembração lírica, o tempo é recordado de forma sensível e objetiva, retratando uma solidão poética a comungar com uma história aspectos individuais e coletivos. Entretanto, a lembrança das imagens, imprescindíveis a memória, são recurso de uma ordem indispensável para o processo inventivo do poeta.

A linguagem poética liberta o poeta do cotidiano relaciona-se com a sua própria capacidade de relembração, mas ele faz desta relembração a matéria que o alimenta em seu

criar solitário. O nosso mestre da memória repete um instante passado em um presente, usando a palavra como potência máxima, formando o tecido cujos os fios ele tece e destece. Observando o seu combate interno em um momento criador presente e o motivo que o leva a fazer emergir de um passado imagens, descerrando assim a barreira abismal interposta entre o momento da criação e as imagens emergentes de um tempo passado que se contorcem e liberam do seu seio a poesia.

Poesia que se faz conhecimento trazendo do passado momentos olvidados por um povo ou comunidade. Tentando extrair da imagem passada toda magia, sentimento e emoção, mais uma vez o poeta faz um convite ao regresso em um momento epifânico causador da harmoniosa simbiose entre passado e presente.

Para Octávio Paz, “o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos de harmonia universal” (Paz, 1982, p. 15). O poeta que ouve a voz do mundo, faz esta voz ressoar em seus poemas abandonando-se a potencializar sua criação. Transformar a poesia em poema, trabalhar a memória poética e concebê-la em versos engendrando o seu momento particular ou coletivo, transmudando em linguagem a qual é a motivação, janela pela qual a palavra respira fundo e se comunica com energias de imaginação e sentimento, expressando assim e tornando representativa as diversas percepções de mundo do poeta.

Indo mais além ousamos falar que o poeta não apenas escuta a voz do mundo, mas escuta o próprio mundo, mostrando atento a tudo que compõe até mesmo ao próprio silencioso ato de escutar.

Reunindo percepções dos sentidos através das reminiscências, a memória é a faculdade formadora das imagens. Os gregos contavam também na sua mitologia que as Musas, as

virtudes da imaginação, filhas da memória, inspiravam não só os poetas, mas também os músicos e todos os outros artistas e estudiosos. Encontramos aí a ligação entre memória e imaginação, memória e poesia.

As Musas têm por missão inspirar o poeta no que deve dizer. Na *Iliáda*, Homero pede que cante a ira de Aquiles; iniciando a *Odisséia*, suplica à Musa que lhe indique o nome do homem. Mais ampla evocação consta na *Iliáda*, onde o poeta apela para as Musas, porque não dispõe de inspiração nem o total conhecimento dos fatos. Corporificam um princípio paramamente espiritual, sendo considerada desde a antigüidade como protetoras da música e da filosofia. As Musas não tinham personalidade definida como os deuses do Olimpo, a seu respeito pouca informação havia.

As imagens, coisas e pessoas concebidas pelo poeta, não importa se são historicamente reais ou apenas vivem em sua fantasia. Não imagens dispersas, pois por no interior delas corre um sentimento que não pertence só ao poeta, mas também nos pertence. É um sentimento humano, pungente de memória, nostalgia, enternecimento, de algo puro e ao mesmo tempo cheio de piedade, como aquelas coisas forjadas no seio da piedade religiosa. Algo que foge a lógica dos termos, mas que só a poesia sabe dizer.

A poesia, [escreve Eliot], pode ajudar a romper o modo convencional de perceber e de julgar [...] e faz ver às pessoas o mundo com olhos novos ou descobrir novos aspectos deste. De quando em quando, ela pode dar-nos uma consciência mais ampla dos sentimentos profundos, ignotos, que formam o substrato de nosso ser, ao qual raramente acedemos; porque nossa vida é, em geral uma contínua evasão de nós mesmos e do mundo

visível e *sensível*. (Erlich *apud* Bosi, 2010, p. 31).

O poema está carregado de múltiplas determinações, poesia e poema está ligado etimologicamente ao ato de criar, reproduzir. O que se estabelece é uma reflexão sobre o criar, ligando o mundo e arte interligando-os em uma experiência criativa de trabalho e linguagem. O poeta convida seus leitores para um presente denso, único e irrepetível, embora possa coincidir com muitas versões escritas por outros sobre o mesmo tema em tempo e lugar diverso. Contudo, a leitura de um poema faz-nos colocar-nos a escuta do outro, modulando sua voz, ritmos e sentimentos, elementos geradores do poema. Essa escuta, nos leva a acolher o poema, dando abrigo a sua voz e a sua relação entre eu e mundo.

O olhar poético que atenta para a coisa passada, dando-lhe um modo de percepção pelo qual temos o efeito da singularização do objeto, libertando-o das camadas convencionais e livrando-a do uso instrumental. O novo se apresenta na poesia através da genialidade do poeta que é capaz de criar novos procedimentos e expressões, causando um certo estranhamento, estranhamento que Alfredo Bosi explica da seguinte forma:

(...) o *estranhamento* que é a grande poesia em geral provoca, longe de ser um artifício forjado para complicar a frio a relação do leitor texto (“È del poeta il fin la meraviglia”, dizia Marino), provém da agudeza de intuição e da intensidade de sentimento do eu lírico em face do mundo que ainda é novo e imprevisto apesar de gasto por séculos e séculos de uso e convenção (Erlich *apud* Bosi, p. 30).

A leitura proposta por Bosi afins de motivação,

singularização e estranhamento ajuda a romper o modo convencional, o eu lírico faz a redescoberta da palavra, e esta assumindo um estilo incomum dá-nos um momento de renascer da admiração através de um ato que renova e redimensiona a palavra.

A memória poética elabora múltiplos planos de real, ela faz o poeta lembrar e custodiar fatos e coisas, mediante a força da linguagem. Vem a superfície espaços e tempo retomado pelo poeta através da lembrança, lembrança que transporta o passado para o presente de uma forma atual e dinâmica, ela é a responsável pela conservação plena e íntegra da experiência individual e social que integram a experiência de um povo. A matéria poética se mantém através de uma feitura pouco comum, estabelece jogo, trabalho, técnica e criação, as quais se manifestam de forma distinta, pois estas não possuem uma forma única, a qual possa ser passada de forma integral de poeta para poeta, contudo ela pode ser lida e recriada por outros poetas.

A matéria poética da recriação, alimenta-se de corpos para manter a criação, através de signos que se combinam e remetem ao festejo de uma repetição. O real repetido e disfarçado, produzido no investimento do imaginário, consagrando e consumindo temas, as palavras, uma linguagem dentro de outra linguagem. A escritura poética nasce de uma re-escritura, revertendo conceitos em falas múltiplas em processo de ler, escrever e ler, caracterizando o poeta como um leitor-produtor um decifrador de signos existentes.

A recorrência poética ao eterno retorno e do paraíso perdido é resgatado nas malhas da recordação, referendando a amplitude dos processos repetitivos intensificados pelo contexto metafórico. Forçar-nos assim, a buscar um sentido menos superficial para as palavras, procurando nos incitar na busca mais profunda de um novo sentido para fatos e as palavras

que se repetem reiterando as analogias, revelando um novo tecido poético.

Segismundo Spina enfatiza o seguinte: “O elemento poético embrionário, fundamental, do canto primitivo, bem como das artes decorativas é a *repetição*.” (Spina, 1982, p. 21). O *eterno retorno*, visto algumas vezes como anulação de qualquer transferência possível, marca o vínculo ancilar do homem com o tempo, como rebaixamento e exteriorização da mais completa ausência existencial.

O passado evocado pelo poeta pode não ser a aparente reificação de uma experiência passada, no entanto ela envolve o retorno poético. O passado pode ser um tempo de fuga, algo ficcionado em meio a outras metáforas, querendo eclodir em um caminho de transcendência. Percebemos assim que a memória poética é o lugar do não feito, do fluxo do sonho, tentando oferecer-nos uma compensação do cotidiano. É essa mesma memória que retoca o passado, tenta reparar as injustiças, reacendendo a esperança de um paraíso onde está plenitude.

O poema surge como resultado da impossibilidade de se deter o curso do tempo, contudo a realização poética encontra-se no passado, no abismo que separa a felicidade sonhada da felicidade fugaz, desta felicidade que não fica no homem, mas na passagem do tempo por ele mesmo. Neste instante memória e poesia se convergem e se apresentam como caminhos de transcendência, partindo o círculo fechado da realidade, sustentando imagens e metáforas, comparações, apelando para o lado onírico do exercício poético.

O pretérito é sempre um lugar de eleição, de plenitude o rosto do poeta recusa a verdade cotidiana, lançando-se em um tempo onde ele acredita e calca como sendo o mais feliz, entretanto cabe a este mesmo passado o não reconhecimento de um devir, prolongando assim o estranhamento entre o

presente o e passado.

Inconformado com a frustração do momento presente, surge o recurso da fuga. Da alienação. É curiosa a alternativa que se põe para o poeta: o desaparecimento do passado, ou a volta à infância. Como se a infância não fosse parte do passado. Mas não se trata de impropriedade de linguagem. Está bem claro que *passado* é uma coisa e *infância* é outra, pois o poeta reforçou a alternativa com a palavra *então*. Ou isso *ou, então, aquilo*. E *infância* passa a figurar como símbolo. Não se trata da infância histórica, biográfica, mas sim de uma idealização da infância. O que deseja o poeta é a inconsciência, o não ser. O anseio de evasão ultrapassa, pois, as fronteiras da vida para mergulhar na pré-existência (Ramos, 1974, p. 197).

O jogo da memória se estabelece entre o sonho, o existir ligando os planos da realidade como o desejo do poeta de vê-la unida aos termos, passagens e imagens de um tempo passado usado para a evasão poética dotada de um sentido próprio povoada de referências de uma vida dentro de um sonho inatingível tecido através da lembrança.

O poeta que na contemporaneidade deixa de ser aquele que toca o sagrado, passa a ser um *amanuense*, um *bricoleur*, a fazer a combinação de frases, tons, ritmos, os quais são lidos nos rostos de um povo, nas esquinas e nas veredas de uma língua. Neste contemplar das coisas ele vai dando vida a aspectos de um momento da história cotidiana de uma sociedade, o tempo se contorce e se dissipa através de suas palavras, ele multiplica as vozes de uma história, de uma época, construindo assim leitores.

O escritor que nasce do jogo de montar e remontar textos através da voz deixada pela tradição literária, traz a vida uma montagem que propicia encontros entre as palavras, fazendo nascer das formas gastas e usadas maneiras novas de expressão, novas possibilidades de leitura. A voz do poeta faz da escrita um movimento poético, e essa escrita sempre será marcada pela história do sujeito que a tece pela consagração de movimentos deixados nas páginas dos seus livros.

No contexto da repetição poética lê-se Sísifo como aquele que faz o movimento a produção, ou seja a repetição sisifiana. Assim o nosso mestre de memória, o sujeito da história enfatiza e traduz o olhar desejanste, que está sempre lendo, produzindo e re-criando as palavras. Falamos de Sísifo porque o ato dele reside no fato de proporcionar uma *re-singularização* do sentido de buscar e produzir o outro na repetição, como tema da própria poesia, faz dessa repetição um ato criativo.

Através destes sinais aqui escritos sobre o poeta e a sua cumplicidade com memória, entraremos no horizonte poético da Feira de Santana, engrenando a máquina poética, através de um olhar múltiplo sobre o fazer poético dos poetas dessa cidade no período da Segunda Guerra Mundial, vislumbrando as muitas possibilidades de um encontro com a cidade e seus mestres da memória.

### **2.3 FEIRA DE SANTANA: UM POSSÍVEL ENCONTRO COM SUA MEMÓRIA**

A história de Feira de Santana está inserida na história da criação de gado na região nos limites entre os rios Jacuípe e Paraguaçu, tendo como pano de fundo a religiosidade e o culto a Nossa Senhora Santana, Padroeira da Fazenda e da Capela que deram origem, na metade do século XVIII, ao início do povoamento da cidade.

Boiadas que viam do Alto Sertão faziam pouso na Fazenda

chamada Sant'ana dos Olhos d'Água. Nesta parada os boiadeiros e tropeiros, realizavam negócios, dando início mais tarde o que se constituiria uma feira de gado semanal, cujo tamanho e importância adquirem uma projeção nacional.

Esta Feira de Santana que nasce desse comércio de gado, foi no passado considerada uma cidade aprazível e até mesmo sedutora para seu artistas. Apesar de ser a segunda cidade do estado da Bahia, ela mantém em seu quadro citadino, uma atmosfera interiorana representada no passado pelo hábito de colocar cadeiras na calçada para o bate-papo, os *causos*, costume análogo aos antigos que perpetuaram a tradição quando, ao redor de uma fogueira, os mais velhos contavam histórias aos mais novos. Narrativas que Walter Benjamin faz plena e sensível através da figura do narrador:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais pelos inúmeros narradores anônimos (Benjamin, 1987).

Narrando experiências, memória que se apresenta em grande parte através de textos e da oralidade, a qual mostra-se em traços da cultura de um povo, pois está na fala o início da história da humanidade. É através da palavra falada que a escrita ganha uma outra dimensão a qual potencializa e reveste o homem para a construção de um tempo. A construção do nosso tempo na cidade de Feira de Santana, de uma memória guardada ou até mesmo esquecida nas dobras do passado daqueles que hoje tentam, através da lembrança, reescrever no presente o pretérito desta cidade e seus poetas.

É esse narrador que vem mantendo a imagens da história da cidade, história essa, estagnada nas páginas dos jornais,

nas bibliotecas particulares de algumas pessoas da cidade.

Em busca de resguardar não somente no esquecimento deste narrador, buscamos ativar a sua lembrança e traçar o caminho em busca dos poetas que habitaram com seus poemas as páginas do jornal *Folha do Norte*. Nessa relação de antinomia, entre memória e esquecimento percebemos que eles se remetem mutuamente na busca de tornar mais relevante o encontro com os artistas do verso com a Feira de Santana de 1940-1945.

O encontro com se permeia e se tece, no momento em que navegamos nos poemas impressos e resguardados nas páginas amarelas do jornal *Folha do Norte*. Nestes escritos vemos ressurgir a Feira de Santana que se firmava como cidade, a cidade que um dia foi apenas um lugar de encontro e comércio de gado, começava a ter em sua história toques sutis de modernidade com a estrada de ferro, a rede de esgoto, a pavimentação das principais avenidas da cidade.

A Feira de Santana que na sua Escola Normal em plena II Guerra Mundial abriga os soldados, soldados estes que interferem na vida cultural da cidade, onde os bailes onde hoje funciona o CUCA (Centro Universitário de Cultura e Arte). No momento em que nos remetemos para este ponto da história de FSA, percebemos entrelaçado a isso o aspecto cultural da cidade que neste tempo vivia um momento onde se buscava o progresso e ao mesmo tempo convivía com as notícias da guerra que chegavam pelo rádio e pelo jornal *Folha do Norte*.

Feira de Santana entre 1940-1945 vive uma transformação política e cultural instalada sobretudo após a Revolução de 30. Com a intervenção do Estado há o enfraquecimento da participação das famílias tradicionais no contexto político brasileiro, fato atingirá também Feira de Santana, onde começa a existir uma luta entre os fazendeiros e a classe comercial emergente na disputa pelo poder político e econômico da

cidade.

Verifica-se nesse período o surgimento de uma elite intelectual feirense, ou seja, os filhos dos fazendeiros que estudavam fora da cidade, percebem a crise de identidade que começa a se formar devido ao crescimento do comércio, e a assustadora imigração de pessoas. Feira de Santana, por se tratar de um dos entroncamentos rodoviários do Nordeste, é receptáculo de pessoas, as quais chegavam a fim de pernoitar, mas que permaneciam mais tempo, constituindo desta forma num verdadeiro mosaico cultural.

Por se tratar de uma cidade que tem sua origem na Feira de Gado, Feira de Santana tem nesse momento, 1940-1945, uma classe intelectual disposta a recuperar e manter a memória da cidade e do vaqueiro, símbolo do sertanejo responsável pela origem da cidade.

A luta para manter viva a memória da cidade viva é liderada pelos filhos dos senhores de fazenda que de volta a cidade natal querem reencontrar o espaço idílico de suas vidas. Dentre esses intelectuais sobressaem-se as figuras dos poetas Eurico Alves Boaventura e Godofredo Filho. Suas poesias são contaminadas pelas figuras do sertanejo e do vaqueiro, estes fazem parte da recuperação do universo simbólico e cromático, pois como fora afirmado, são as imagens fortes dessa terra que segundo Godofredo Filho, *está chatada no sertão* (Ferreira, 1997).

São estes filhos da terra, poetas que marcam de forma significativa a literatura baiana, pois em Eurico Alves e Godofredo Filho, encontramos o aspecto de modernidade da poesia baiana, eles foram os expoentes de uma poesia mais ousada *escrita a moda do sul*.

Neste comovido território entre a memória que estimula a atenção e olhar zeloso destes feirenses percebemos o entusiasmo em direção a construção de mananciais simbólicos

que hoje nos estimulam na tentativa de mantermos viva a memória cultural de Feira de Santana.

O nosso olhar se desperta em direção ao passado, tentando compenetrar-se nas imagens de um outro tempo que ficou estampado nos poemas dos autores feirenses que escreverem no período acima declinado. Suscitar a memória que está impregnada e se forma em cada verso de cada poema, lança em nossa frente o desafio de resgatar essa memória que longe de ser uma simples nostalgia para nós é também uma forma de instaurar a relação entre o passado, presente e até futuro cultural de Feira de Santana.

Tentaremos, pois, mostrar aqui uma memória feita não que revive o passado ou vai em busca deste tentando resgatá-lo, mas também revê o curso heterogêneo e fértil em direção a um passado unguído por nossa perspectiva de homens de final de século. Homens que tentam escrever com liberdade criadora reverenciando o tempo que se foi, mas paradoxalmente com um estilo contemporâneo de evocar o pretérito poético de FS.

A memória que buscamos é aquela que cruza a história e a intimidade se estabelece entre o público pessoal, indivíduos e famílias, ou mesmo um grupo social específico. Exercendo um aspecto congênito, ou seja, onde o indivíduo recordador é também aquele sujeito que fala de seu tempo em um trabalho de recordação que mostra os padrões e valores da época que ele se incumbiu de recordar. Este tipo de recordação cruza a intimidade e a história que se busca recordar e manter viva a história poética da *Princesa do Sertão*<sup>1</sup>.

As margens das histórias autorizadas, a memória dos que foram dominados resiste na lembrança de cada sujeito recordador entre impasses e fragmentos de uma tempo mantido através de episódios solidificados no sentimento de manter

1 Denominação dada a Feira de Santana por Ruy Barbosa, em 1919.

viva a história cultural e em especial a poética de uma cidade que negligenciada por diversas vezes por aqueles que ajudaram a construir sua história.

Narrar a fusão entre o passado individual e o coletivo é a forma que temos de estabelecer uma comunicação entre este passado e a história coletiva da cidade de FSa. Contando através de experiências individuais de pessoas que viveram um pouco da cidade entre 1940 a 1945, teremos a chance de restaurar o passado a medida que vamos caracterizá-lo com sua cultura, idéias e acontecimentos marcantes.

Um aspecto importante a ressaltarmos, é processo cuja desfiguração do passado é remanejado pelas idéias e pelos ideais presentes. Modelar o passado poético de FSa entre 1940 – 1945, é recompor biografia individual ou grupal, detendo-nos em valores e padrões da linguagem e da ideologia contemporânea.

A matéria cultural que para muitos está perdida de forma irrecuperável, será visitada em busca de recuperá-la e criá-la, mesmo que de forma artificial, dando-nos meios para uma reflexão deste tempo que está sendo reificado percebendo-se como um tempo a ser recuperado ou até mesmo escrito na história da PSe.

A matéria a ser lembrada será revista através de imagens e idéias recebidas através de imagens recebidas através da recordação processada em seu ponto de vista cultural e ideológico do grupo onde se está inserido. A memória faz ver o fato a partir dos acontecimentos e influências inseridas de forma profunda e indelével na época recordada, mantendo as marcas e os valores de uma inteligência que evoca e delibera imagens passadas.

O poeta que esteve exposto ao choque com a sua realidade conseguiu refletir o seu tempo, percebendo a experiência e a reificação da vida cotidiana. Com base nisto, vemos o homem

contemporâneo que segundo Walter Benjamin “O homem novo deve emergir das ruínas do antigo” (Rouanet, 1990, p. 52). Recuperar ou trazer a vida a tradição de FSA no período anteriormente citado, é dá a essa cidade tão marcada por injustiças culturais e sociais, a certeza de que mesmo o esvaziamento da memória ou da tradição pode trazer até nós caminhos. Caminhos que se formaram no meio das ruínas da história esquecida e a certeza de que podemos trilhar sempre o novo apesar do velho não ter sido escrito no seu próprio tempo.

## 3 À PROCURA DO DIÁLOGO COM A POESIA – RECORTES DE UMA HISTÓRIA

*Alguém me reconhece num retrato de menino.  
Não sou eu: é minha antiga paz.  
A história de um homem e sua pista falsa:  
estudam meus sonhos, meus passos, meus mapas  
e dizem que ou inutilmente.  
Inutilmente.  
Porque sou sempre o quem vem pelo atalho  
Pereyr, 1987*

### 3.1 POETAS NA HISTÓRIA DE FEIRA DE SANTANA: 1940-1945

Segundo Peter Burke (1992), “lembrar o passado e escrever sobre ele já não podem ser consideradas atividades inocentes”, pois estamos sempre buscando reconstruir através da lembrança a história de um povo, de uma sociedade.

A relembração sofre influência da visão daquele que conta sua história, observamos o fato a partir do olhar de quem ouvimos e do entrelaçamento de culturas a partir da reconstituição histórica.

Com base nesta concepção pretendemos abordar a história de Feira de Santana de 1940 –1945, no que se refere a produção poética. Lembrar os aspectos memoráveis de um tempo, é um trabalho de recordação para construir a história de Feira de Santana, história essa que se encontra dispersa, necessitando

de um registro sistemático.

A precariedade das fontes foi um dos entraves na produção deste trabalho, contudo mesmo diante de tal fato, recorreremos a algumas pessoas que viveram no período e outras que possuem conhecimento histórico sobre Feira de Santana como fonte de pesquisa e informação. Através da relembração das pessoas entrevistadas e dando maior relevo aos dados e poemas coletados no jornal Folha do Norte. O trabalho de recordar torna-se um ritual comemorativo de um tempo que no momento está sendo por nós revisitado.

No esforço de recriação do passado, encontramos em determinadas pessoas ligadas diretamente ou não, ao período em foco e, sobretudo, no jornal Folha do Norte, subsídios para retratar a Feira de Santana do período (1940 -1945). Moldando uma recordação do passado com dados representativos da sua cultura e em especial da sua literatura, lançando um olhar mais significativo sobre os poemas publicados na Folha do Norte.

Segundo Walter Benjamin “As obras literárias, mesmo não pretendendo ser e não sendo um mero registro histórico, acabam sendo também uma historiografia inoficial” (Gothe, 1976, p. 76). É esta história inoficial que nos interessa realmente, embora para evidenciá-la não possamos dispensar dados de outras fontes discursivas, em especial, aquelas que carecem de um registro escrito sistemático. Traçaremos mais um momento da história de Feira de Santana com base também em seus registros informais e espontâneos de recordação. Reinteramos aqui, que a memória pode partir de lendas, crônicas, e no caso da produção poética de um determinado período.

Aproximar o período em foco (1940-1945), no momento em que fazemos este escrever é algo que desafia entre outras coisas o tempo dos fatos e a rememoração dos fatos que é o

tempo da linguagem da memória das pessoas. Em busca das imagens que formam o mosaico desta cidade que encantou seus poetas e traz no seu nome, Feira de Santana, a essência de todo o seu nascimento como cidade, regendo assim todo seu existir. Recorremos a história contada por estas pessoas que viveram na época. Sabemos que o olhar lançado sobre o tempo passado faz com que ele surja com suas imagens no presente impregnado por uma linguagem de um momento que não é mais o passado. Esta voz da história que tentaremos reconstruir através da fala de cada pessoa entrevistada, de fotos antigas, e um pouco de registros do cotidiano da cidade que se encontram impressa nas páginas do jornal Folha do Norte.

Consideramos inicialmente as entrevistas e depoimentos impregnadas de imagens nostálgicas e carregadas de uma lembrança individual que somada a outras em seu conjunto contribuem para a composição de uma memória social. O espaço lembrado é o mesmo, as imagens de certos espaços são importantes na composição de uma lembrança da cidade de FSA, a saber: Av. Senhor dos Passos, Praça da Matriz, Rua Conselheiro Franco, entre outras. Em prefácio para Bosi (1994), Marilena Chauí escreveu:

[...] o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique (Chauí, 1979, p. 31).

Do ponto de vista destas recordações, apesar da lembrança ser do mesmo espaço, os acontecimentos marcantes são individuais na forma de lembrar de cada indivíduo, marcados

pelo verdadeiro desejo de lembrar. O passado recordado ganha uma forma individual que se soma aos depoimentos de outras pessoas, construindo assim a memória social da cidade.

Entre 1940 e 1945, Feira de Santana começa a se modernizar, de tal modo que década de 1950 viria a se constituir uma das cidades mais importantes da Bahia. Com uma localização privilegiada entre o Sertão e a costa, localização esta que marca a economia da cidade. O município teve por muito tempo a criação de gado, típica do sertão baiano, como muito bem desenvolvida, sustentando por muitas décadas a fama de uma das feiras de gado mais concorridas do Brasil. O clima e a combinação topográfica da cidade também favoreceram o desenvolvimento de uma variada produção agrícola tropical e semitropical. Com a crescente população da cidade, cada vez mais a exigência de produtos agropecuários se acirra, e uma proximidade das cidades costeiras o que assegurava a venda do excedente destes produtos – Cachoeira, Santo Amaro da Purificação, Salvador, etc.

Com a construção da Rodovia Rio/Bahia e o aumento da população e o declínio de produtos estrangeiros no Brasil devido a II Guerra Mundial, verifica-se a maior vendagem destes produtos (Bartista, 1997, p. 8).

Sendo privilegiada em sua situação de entroncamento rodoviário, FSA é muito mais que um pouso nas estradas baianas, ela ostenta desde os tempos coloniais a fama de ser um entreposto comercial. Tal aspecto verifica-se na variedade de estabelecimentos comerciais localizados na cidade. Procede também que a economia da cidade está firmemente fundada na pecuária e na agricultura e no comércio. Segundo Rollie E. Popino,

(...) dos 150 municípios do Estado da Bahia somente a Cidade do Salvador terá sua economia mais variada do que a de Feira de Santana. A natureza complexa do povo de Feira de Santana, mas, de fato, à feliz situação geográfica do município, na convergência de estradas na Bahia (Popino, 1968, p. 12-13).

Assim sendo, FSa se torna um importante mercado para os produtos agrícolas e pastoris do estado, é também um importante centro distribuidor dos produtos vindo de Salvador. Os compradores viajam dos municípios circunvizinhos para aquisição de artigos que são produzidos nas diversas regiões da Bahia.

A *Princesa do Sertão*, como citamos acima desde cedo mostra sua vocação para o comércio, fator este que se redimensiona depois da Revolução de 1930. Com a Revolução em todo país os senhores de terra perdem espaço, ou seja, ascensão que era privilégio apenas das famílias tradicionais, passa a ser também de outras famílias que se lançam no trabalho comercial. Estes aspectos são mais intensos em Feira de Santana na década de 40, quando a cidade começa aos poucos seu processo de modernização, marcando também seu desenvolvimento comercial. Podemos citar aqui como desenvolvimento comercial em FSa o armazém de João Marinho Falcão, o qual ajuda o comércio a se expandir, os feirenses não precisam mais sair da cidade para compras de mantimentos (café, peixe salgado, cachaça, etc.).

Em se tratando do desenvolvimento rodoviário da cidade, FSa em 1940 já contava com um serviço de transporte de melhor qualidade. A ligação da cidade com Salvador foi facilitada pela nova rodovia – auto-estrada – de 144 km, que trazia gente, produtos, informações com mais eficiência. Antes para se

chegar a Capital, o trajeto era feito indo a cavalo ou trem até Cachoeira de onde toma-se o vapor para Salvador.

Não foram as condições de um passado rural que impediram que Feira de Santana prosperasse, mesmo com boa parte de sua população analfabeta -se que o desenvolvimento do comércio em especial no período já aqui declinado, serviu para mostrar aos governos estadual e municipal a necessidade de começar a pensar em expandir as escolas públicas e primárias a todos os habitantes do município de FSa. A instrução em FSa, também na década de 40 era privilégio da classe dominante, em especial das famílias tradicionais.

Com uma população formada em sua maioria de pequenos lavradores, esta não tinha a oportunidade de aprender a ler e escrever. Eram raros os casos de funcionamento de escolas primárias na zona rural do município, o que nos leva a deparar-nos com outro problema, pois a classe de lavradores não possuía condições para arcar com as despesas escolares, e não podia retirar os seus filhos da lavoura. Leis e projetos na área de educação começam a serem pensados, pois os governantes percebem que o crescimento do comércio e ascensão da economia da cidade em FSa são fatores que demonstram que o progresso da cidade também estava atrelado ao nível de instrução de sua população.

Um dado de imprescindível importância é o elemento que dá origem a Feira de Santana, a Feira Livre. Neste local as senhoras donas de casa, muitas faziam compras acompanhadas de empregados, tendo contato com o povão. Nos dias de feira a população flutuante da cidade aumentava consideravelmente – vendedores que traziam suas mercadorias, colhiam as novidades da cidade para levarem para o povo da roça, e assim a notícia era passada à população rural. E assim as novidades da cidade chegam ao campo, através da boca do povo.

O estudo do comércio em Feira de Santana, não ficaria, contudo, completo, sem uma notícia da feira semanal. Esse mercado, em Feira de Santana, é que permitia aos residentes da região circunvizinha uma oportunidade de vender o gado em pé e os produtos agrícolas e para comprar utilidades necessárias, que não poderiam obter onde residiam (Popino, 1968, p. 441).

O Campo do Gado era ainda o auge do comércio da feira do gado (onde hoje é o Fórum e Museu de Arte Contemporânea). Boiadas de todo Brasil passavam por Feira de Santana, sendo assim um centro distribuidor de gado.

A política da cidade era dominada pelos nomes de Agostinho Froes da Mota e Bernardino Bahia, vindo a seguir os nomes de Eduardo Froes da Mota e Arnoud Silva. Estes homens lutavam para fazer de FSa uma cidade moderna, desejando ainda que ela fosse mais desenvolvida que Santo Amaro da Purificação que de 1940-1945, era considerada um cidade desenvolvida, devido as usinas de açúcar do município. Apesar de haver entre estes nomes uma rivalidade muito grande, estes homens trabalharam para dar a FSa um aspecto de cidade desenvolvida elevando-a à segunda mais importante do estado da Bahia.

No período de 1940-1945, a cidade de FSa teve na sua administração municipal os seguintes nomes: Heráclito Dias de Carvalho (1938 -1943), Dr. José Berbet de Tavares (1943-1944), Eduardo Froes da Mota (1944-1945).<sup>2</sup>

---

2 Dados pesquisados no arquivo do Mons. Renato Galvão no CPDOFS – Casa do Sertão – UEFS.

Conquanto tratando-se da educação em Feira de Santana, nos cinco anos da II Guerra duas entidades escolares são destaques na cidade o Colégio Santonópolis fundado em 1930 e a Escola Normal fundada em 1927, que em 1936 passou a ser chamada Escola Normal Rural. O Colégio Santonópolis tratava-se de um escola particular a qual deteve boa parte dos estudantes feirenses que aspiravam cursar o segundo grau, registrando assim um alto número de estudantes. Possuía cursos de apicultura, agricultura, magistério entre outros, a partir de 1945 o Santonópolis passa a oferecer o curso ginásial noturno. O dono do Colégio era o dentista e educador prof. Áureo Filho que ao lado sua irmã Professora Edelvira Oliveira dirigia a escola e promovia a cultura na cidade.

**Imagem 1:** Escola Normal Rural de Feira de Santana



Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=429091>. Acesso em: 12 mar. 2024.

A Escola Normal Rural que funcionava onde atualmente é CUCA (Centro Universitário de Cultura e Arte), era dirigida pelo Professor Gastão Guimarães, o prédio foi construído pelo Sr. Agostinho Froes da Mota na década de 20.

Depois da Lei Federal que reduziu de quatro para três anos o magistério, observando que o número de estudantes na aumenta em dobro. A partir da denominação *Escola Norma Rural de Feira de Santana*, fica registrado que todo aquele que desejasse um lugar mais atraente como profissional do magistério teria que ensinar um determinado número de anos em uma determinada escola da zona rural da cidade. Neste período nasce um programa para a valorização do professor da escola primária da zona rural.

Apesar de não possuir ainda um programa de educação sistemático, FSa começava a ter em seu quadro cidadão a formação de uma elite intelectual, representando também o aspecto cultural da cidade, alguns nomes aparecem de forma mais marcante: o Prof. Gastão Guimarães, Prof. e dentista Áureo Filho, o jovem poeta Prof. Dival Pitombo, o poeta e advogado Eurico Alves Boaventura, Prof. e poeta Godofredo Filho, Prof. Edelvira Oliveira, o médico, educador e também poeta Honorato Bonfim Filho, o tabelião e diretor teatral Aurélio Vasconcelos, a professora e também poetisa Alcina Dantas, o cronista Arnoud Silva, entre outros. Estes nomes formavam na época não só a elite intelectual, mas também eram eixos de difusão de cultura dentro de Feira de Santana, estando impressos na história de FSa como pessoas célebres e responsáveis pelo crescimento da cidade.

Nos anos de 1940 a 1945 em Feira de Santana alguns prédios são requisitados pelo governos para abrigar combatentes, estes aguardavam o embarque. Temos como exemplo a Escola Normal Rural serve também como alojamentos para os soldados das Companhias de Guerra que vieram para Feira de Santana. A cidade é invadida pelo toque militar e os feirenses

têm perto de si algo que revelava o clima bélico mundial, ou seja a II Grande Guerra.

Segundo a artista plástica Regina Costa<sup>3</sup>, algumas moças das cidades se envolveram com esses homens representantes do exército brasileiro, ela também diz que o fato de FSa abrigar as companhias ajudou muito o aspecto cultural da cidade, pois dentre estes soldados existiam alguns com um bom nível cultural. Ela cita o exemplo de alguns que, além de tocar determinados instrumentos, também compunham músicas ou demonstravam interesse por teatro.

As festas religiosas eram uma forte tradição em Feira de Santana, formavam um aspecto social importante para todas as classes do município. Um exemplo forte de festa popular é a Festa de Santana, onde se misturava o sagrado e profano, temos ainda a Micareta, chamado carnaval fora de época, esta adquire na década de 40 e 50 o reconhecimento de ser a festa não religiosa mais importante do município.

**Imagem II:** Micareta de Feira de Santana em 1950



Fonte: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/micareta/amicareta.asp>.

Acesso em: 12/03/2024.

Apesar de ter sido suspensa durante dois anos no período

3 Em entrevista concedida no dia 30 de janeiro de 1999 em sua casa na Av. Getúlio Vargas – Feira de Santana.

da II Guerra a Micareta manteve-se com sua forte popularidade. Através destas festas o povo exprimia sua alegria em participar dos ritos e folguedos públicos, perdendo-se na realidade de uma alegria contagiante e inata a toda população. Os fogos de artifício e as bandas musicais, sempre constituíram um complemento nas diversas ocasiões, seja nos festejos religiosos e profanos, seja nas diversas cerimônias públicas.

**Imagem III – Primeiro trio da Micareta**



Fonte: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/04/25/com-mais-de-80-anos-micareta-de-feira-de-santana-ganhou-destaque-apos-temporal-e-evoluiu-com-decadencia-do-carnaval-da-cidade.ghtml>.

Acesso em: 12/03/2024.

Na maioria dos casos a música ficava por conta das filarmônicas da cidade, vale citar a Filarmônica 25 de Março, a Vitória, e um pouco mais tarde a Euterpe Feirense, estas duas primeiras mantinham rivalidade entre si, onde uma se apresentasse a outra não se apresentava, fomentando uma disputa entre elas e dando ao povo de Feira de Santana e cidade vizinhas uma boa música celebrada pelos seus bons músicos. A Vitória devido a uma crise financeira forte se desfaz, ficando a 25 Março e Euterpe Feirense como as importantes filarmônicas

da cidade

A música na cidade de FSa sempre foi algo marcante, as apresentações musicais não se restringiam a apresentações públicas. A música tinha lugar de importância dentro das residências e no teatro da cidade, o Cine-teatro Santana e Cinema Brasil, onde aconteciam não só apresentações musicais, mas eram acolhidas ali apresentações teatrais dos diversos grupos da cidade e de grupos que vinham de fora se apresentar em FSa.

Em se tratando de música neste período, citamos Georgina Erisman, filha da terra e grande pianista, compositora, e também poetisa. Georgina se casa e vai morar no Rio de Janeiro onde morre em fevereiro de 1940, deixando muitas composições, destacamos aqui o *Hino a Feira*, hino da cidade composto por esta artista do piano. Em 1940 o Colégio Santonópolis inaugura uma escola de música com o nome de Georgina

Tínhamos ainda a cantora lírica Celeste de Cerqueira, impulsionada pela mãe, D. Amélia Bacelar de Cerqueira professora de piano. Celeste estuda em Paris onde fica por 3 anos, voltando depois em 1923 para aprimorar ainda mais arte de cantar. Ela desenvolve seu talento para à música lírica brincando-nos com proveitosos ensinamentos na arte do canto, promovendo assim um progresso cultural e musical em FS e em Salvador. Em 1943, Celeste segue para o Rio de Janeiro, onde exerce com nobreza o título de mestra da música.

Ainda na música, segundo o Cordelista, ex-diretor da Casa do Sertão e ex-presidente da Academia Feirense de Letras, Franklin Machado<sup>4</sup>, faz-se necessário citar o nome do maestro Tertuliano (1898 – 1968) que começou e dirigiu a Vitória e depois, devido a falência da Filarmônica, é acolhido como maestro pela 25 de Março. Formou muitos músicos nas filarmônicas, deu aulas particulares em sua casa, deixando algumas

4 Entrevista concedida no dia 29 de abril de 1998, na Casa do Sertão - UEFS.

composições. Assim como os nomes dos maestros Gerson Simões Dias, que morreu muito jovem, privando Feira de Santana do seu grande talento, e o maestro Estevão Moura que muito colaborou na história musical da cidade.

A vida cultural de Feira de Santana na época em que estamos enfocando, contava com os chamados Saraus, os quais aconteciam nas casas dos intelectuais da cidade e mais frequentemente nas férias escolares quando os filhos da terra voltavam da capital, trazendo as novidades literárias, assim como os modismos que lá chegavam. Cultivava-se, à apresentação de piano e falava-se francês e a declamação de alguns poemas dos poetas de FSa e dos que compunham o cenário nacional, isso nas casas, mas o lugares que este tipo de reunião aconteciam era mesmo no Teatro Santana ou no Montepio dos Artistas Feirenses.

Um outro dado que vale registrar é a existência do *Cassino Irajá* de Oscar Tabaréu (Rua Sales Barbosa hoje), freqüentado por viajantes de laboratórios, fazendeiros e filhos deste. Artistas de fora eram trazidos, no geral mais cantoras de Polônia e da Argentina. Havia música, orquestra, as bebidas servidas neste lugar era o conhaque e vinho. O Cassino ficava situado em lugar delicado pois logo após vinha o baixo meretrício.

#### **Imagem IV – Cassino Irajá**

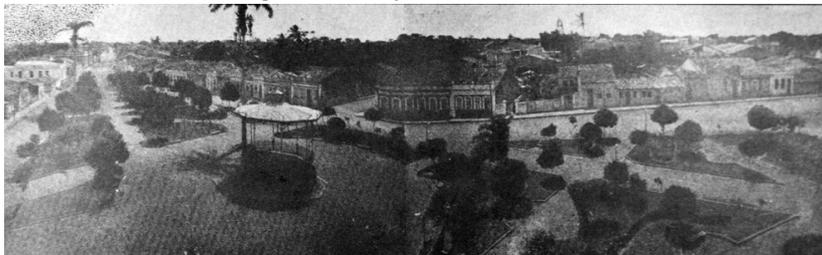


Fonte:<https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=FEIRA%20EM%20HIST%20D3RIA:%20O%20Cassino%20Iraj%E1&id=38&link=secom/noticias.asp&idn=22617>. Acesso em: 12/03/2024.

Em Feira de Santana a apresentação musical nos coretos era um evento que mobilizava toda a população da cidade, pois nestes eventos podiam contar com o que havia de melhor ao nível de música e também ao nível das apresentações teatrais. Percebemos que nem mesmo a II Guerra conseguiu fazer com que estas apresentações cessassem.

Além destas apresentações, a Praça da Matriz e a Froes da Mota, serviam no final de tarde, também como ponto de encontro para os intelectuais da cidade (Arnoud Silva, Pe, Amilcar Marques, Honorato Filho, Eurico Alves, entre outros), momento em que se discutia as principais tendências culturais e políticas da época.

**Imagem V** – Praça da Matriz em 1930



Fonte: <https://feiradesantana.ba.gov.br/sistemas/arquivos/memorial/galeria/14.jpg>. Acesso em 12/03/2024.

Segundo o professor Almiro Vasconcelos<sup>5</sup>, as notícias da II Guerra que chegavam até Feira de Santana pelo do rádio em um programa chamado Voz da América e era motivo para que todos se reunissem às 20h em torno do aparelho para ouvirem atentamente as últimas notícias mais importantes sobre a guerra. Os dados e notícias ouvidas durante o programa eram passados na escrita pelo jornal Folha do Norte, o qual circulava na cidade semanalmente.

Em se tratando de teatro em Feira de Santana, não podemos deixar de citar o nome da professora e poetisa Alcina Dantas que mantinha no teatro da Rádio Cultura apresentações teatrais para crianças e o primeiro programa de calouro da cidade, este aspecto contribuiu de forma significativa para o crescimento da cultura na cidade.

O senhor Aurélio Vasconcelos dirigia um grupo teatral chamando Taborda, nome de um poeta português. Este grupo com o tempo muda de nome e adota o nome do poeta baiano Arthur de Salles.

---

5 Dado de uma entrevista concedida pelo Prof. Almiro Vasconcelos no dia 23 de fevereiro de 1999, na Av. Sampaio – Feira de Santana.

Regina Costa<sup>6</sup>, diz ainda que a cidade contava neste período com grupos teatrais dos quais ela participaram ativamente. Segundo esta artista em FSa era marcante um vida cultural intensa. Ela fala ainda da Ação Católica Feirense um núcleo fundando e presidido pelo Monsenhor Amílcar Marques, o qual era conhecido por ter idéias avançadas para a época em seus posicionamentos mantinha uma linha crítica a sociedade deste tempo não poupando a classe política. Este Monseñor através da Ação Católica, conseguiu reunir jovens com tendências artísticas variadas, dando origem assim o Coral de Santana.

Ainda neste período, reunindo jovens com tendências para o teatro, Dona Maria Rosa Bernardes Costa, começa a formar um grupo de teatro, intitulado Grêmio Regina<sup>7</sup>, apresentando peças sacras nos diversos distritos de FSa e nos municípios vizinhos, sendo que o lucro destas apresentações eram doados para a Ação Católica Feirense. Deste grupo a artista plástica Regina Costa, filha da fundadora do Grêmio, fez parte ativamente, obtendo destaque não só como atriz, mas também reconhecida como exímia declamadora de poemas em algumas apresentações do grupo.

E no meio dessa Feira de Santana que se forma e se moderniza como cidade, vamos em busca de como as notícias da II Guerra chegam até o município. Em 1942, começa a circular em FSa o jornal A Tarde, o que vai marcar um novo meio de contato da cidade com o resto do estado e o mundo.

A vida literária em Feira de Santana em especial a poesia, se faz em tendo como meio de divulgação o periódico Folha do Norte e alguns encontros que já citamos aqui neste texto. Os

---

6 Em entrevista concedida no dia 30 de janeiro de 1999 em sua casa na Av. Getúlio Vargas – Feira de Santana.

7 Informação dada pela Artista Plástica Regina Costa, a qual diz que o nome do Grêmio foi em sua homenagem.

poetas que escrevem neste período são as pessoas que faziam parte da esfera que promovia a cultura na cidade. Os poemas são publicados a cada número do jornal ocupando um espaço significativo.

No período da II Guerra Mundial em Feira de Santana, temos no ano de 1940 um bom número de poemas publicados, em especial o poeta Aloísio Resende e Antônio Lopes são os que mais publicam. Um fato muito significativo marca a história de FSA este ano, morte da artista musical e poetisa, Georgina Erimann. As primeiras notícias da Guerra começam a chegar a cidade, através do FN e também pelo rádio.

Em 1941, os poemas se mantêm e um poeta que muito publica é Honorato Filho. Este poeta ocupa seguidamente 15 números do FN, brindando a sociedade feirense com seus poemas. Morre o poeta Aloísio Resende, que além de poeta era um dos editores do Folha do Norte, o jornal se cobre de luto devido à perda, publicando artigos e poemas em dos amigos de Resende. Apesar da sua morte Aloísio Resende continua sendo publicado no jornal entre 1940 – 1945.

Quando verificamos as publicações do ano de 1942, vimos que apenas 15 números do periódico trazem poemas publicados, um destaque especial para Antônio Lopes e duas mulheres, Alcina Dantas e Florisia Moraes. As notícias sobre a Guerra assumem boa parte das páginas do FN, trazendo à comunidade feirense um relato do que estava acontecendo na Europa, palco do conflito, e os possíveis acordos entre os presidentes das nações diretamente envolvidas no conflito.

No ano de 1943, percebemos conforme o quadro demonstrado no final deste capítulo, os poemas continuam menores. As mulheres continuam publicando, mostrando aos leitores do FN o seu talento. Alcina Dantas e Florisia Moraes, as quais assumem nas publicações um lugar de destaque, mostrando assim a poesia de autoria feminina. Os poemas continuam em

número reduzido neste ano, apenas 16 números do jornal trazem poemas publicados.

No ano de 1944, os poemas vão retornando ao jornal de forma mais intensa, os autores se destacam em uma produção que nos fala de aspectos diversos, Honorato Filho, De João Feirense, Florísia Morais, Edylio Santos, ilustram com seus poemas os números do FN deste ano.

A II Guerra chega ao fim em maio de 1945. Feira de Santana comemora de forma contagiante a vitória dos Aliados, a cidade se enche de festejos. Os poemas voltam a ocupar o lugar de destaque nos números do FN, nomes como os de Aloísio Rende, Honorato Filho, Antônio Lopes, Edylio Santos, Armin-do Martins e Florísia Morais, entre outros (ver quadros no final deste capítulo), compõem e fazem a história da poesia de Feira de Santana. Vê-se neste momento na cidade, não só o final da guerra, mas também o coroamento de uma literatura que se mostra, dando a FS um momento de efervescência cultural através do elenco de poetas que publicam no jornal.

A literatura da cidade impressa nas páginas deste periódico ganha popularidade no município, demonstrando o quanto FSA tem de produção poética. O estilo de cada poeta se mistura com o Parnasianismo, mesmo quando eles tratam da cidade.

Em um tempo em que o modernismo já havia se consolidado no eixo Rio/São Paulo, Feira de Santana ainda tem nos poemas dos autores da terra a estética Parnasiana de forma forte. Misturando-se com as características de cada autor, vamos perceber esse Parnasianismo expresso de forma diferente, pois mesmo ainda neste estilo, eles buscam a cidade, cantando as características da cidade de uma forma muito peculiar.

É através dos textos destes artistas do verso que desejamos refletir o esquecimento e lembrar o passado que ficou registrado em cada verso deles. Na verdade, grande parte da

memória de Feira de Santana está veiculada a ausências e perdas ao deixar excluído de um registro sistemático os seus grandes acontecimentos responsáveis por mudanças na vida social, literária e artística da cidade.

Através dos diversos relatos das entrevistas feitas, o passado se mostra com suas marcas sociais, demonstrando os valores que enaltecem a lembrança como um aprendizado e de passagem para alguma coisa melhor, mesmo que a experiência de vida não tenha confeccionado um registro mais fiel ao tempo relembrado.

Conforme as tabelas que seguem no final deste capítulo, poderemos verificar os poemas publicados nos cinco anos pesquisados.

### **3.2 UMA POÉTICA PARNASIANA EM TEMPO DE GUERRA**

É, pois, a lírica, o antídoto do esquecimento e o poeta, uma espécie de adivinho do passado, a testemunha dos tempos imemoriais, das origens; o aceno para o tempo pretérito, nada obstante projetar-se para o futuro. Benjamin é quem torna essa imagem bem nítida quando tenta fazer uma leitura do *Angelus Novus*: nessa representação plástica vê-se o anjo com o olhar fixado nas ruínas, no entanto sendo, irremediavelmente arremessado para o futuro pelos ventos do progresso (Roanet, 1992, p. 46). Assim é o texto literário: uma parte permanentemente ligada a um passado e, outra a um futuro, a possibilidade de que o existido nunca deixe de existir.

Buscando tentar provar o que fora dito acima, em especial, no que se refere a alguns poemas publicados no Jornal Folha do Norte, neste momento do nosso trabalho faz-se imprescindível mencionar o grande número de poetas encontrados no jornal Folha do Norte – sendo 43 diferentes poetas coletados e presentes em tabela no final deste capítulo.

Por este motivo, resolvemos eleger dentre esses poetas aqueles que mais publicaram no período de 1940 – 1945: Aloísio Resende, Antônio Lopes e Honorato Filho. Tentaremos aqui mostrar como era o estilo de cada um desses poetas, sinalizando com uma análise de alguns trechos de seus poemas.

Falar desses artistas do verso faz-nos rever questões relativas, a Modernidade e ao Parnasianismo que era o estilo predominante nos poetas de Feira de Santana entre 1940-1945.

Entendemos por modernidade segundo Octávio Paz:

O moderno não é caracterizado unicamente por sua novidade, mas por sua heterogeneidade. Tradição heterogênea ou do heterogêneo, a modernidade está condenada à pluralidade: antiga tradição era sempre a mesma, a moderna é sempre diferente. A primeira postula a unidade entre o passado e o hoje; a segunda, não satisfeita em ressaltar as diferenças entre ambos afirma que esse passado não é único, mas sim plural. Tradição do moderno: heterogeneidade, pluralidade de passado, estranheza radical (Paz, 1984, p. 18).

Em se tratando do que fora dito por Paz (1984), percebemos em nossa pesquisa que os poetas de Feira de Santana, apesar de estarem vivendo em uma época em que o modernismo já estava sedimentado nos estados do sul do Brasil, em especial em São Paulo (centro irradiador do modernismo brasileiro), eles ainda escreviam com um estilo e o aproveitamento do final do século XIX – Parnasianismo ou do Simbolismo.

Na Bahia constatamos que havia um grupo que buscava a renovação poética, tendo por incentivo as comunicações feitas através de jornais e revistas do sul do país. O grupo formado por Pinto de Aguiar, Carvalho Filho, Eurico Alves, Hélio

Simões tinha por objetivo editar na Bahia uma revista que refletisse as ressonâncias do modernismo do sul, adequando estas idéias à realidade do estado. Surge daí uma revista Arco & Flexa, segundo Ivya Alves a revista tinha como referência de mudança o *Tradicionalismo Dinâmico* do qual ela diz o seguinte:

Na Bahia, nós tínhamos fundamentos que não podíamos abandonar de todo. Daí o ‘Tradicionalismo Dinâmico’, porque nós queríamos ir adiante, mas sem renegar o passado. E não era fazendo tábula rasa com a Revista Antropofágica, de Oswald de Andrade, porque, na verdade, nesse momento é Oswald que tem maior realce. Mário só apareceu posteriormente. Eles queria fazer tábula rasa de tudo. Então inventamos o ‘tradicionalismo dinâmico’ que era tradição, porque respeitamos as tradições baianas, mas não ficamos presos a ela, queríamos sob esta base construir o futuro, uma coisa nova, porque também tínhamos a nossa idéia nacionalista (Alves, 1978, p. 119-120).

Com este pressuposto temos na Bahia as vozes de um momento novo, o qual coloca-nos em uma certa sintonia com o que acontecia no sul do Brasil.

Apesar de termos dois feirenses, Eurico Alves e Godofredo Filho, Eurico como fundador um assíduo colaborador da Arco & Flexa e Godofredo Filho como colaborador em um dos seus números, o *tradicionalismo dinâmico* não chegou a Feira de Santana nos anos de 1940-1945. Os nossos poetas que em FSA viviam, como já fora dito, continuaram com as tendências do Parnasianismo ou Simbolismo, como boa parte de todo estado da Bahia.

Em estudo recente Ana Angélica Moraes escreve o seguinte sobre os poetas feirenses até a década de 30.

Observamos que era forte a presença de escritores, na *Folha do Norte*, todos representantes das correntes literárias da época: Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo. Os escritores da cidade, na sua maioria, também, apresentavam forte tendência Parnasiana e Simbolista, e ainda uma certa retomada do Romantismo, especialmente nos poemas e contos. As manifestações do Modernismo, desde a primeira década do século XX, já aparecerem ressonâncias, no eixo Rio – São Paulo, de algumas expressões novas, chamadas de **modernistas**, que vão chegar mais tarde, na Bahia, em Salvador, em experiência de grupos, num dos quais, participavam Eurico Alves, Carlos Chiachio, além de outros. Mas essas experiências não chegavam a ecoar na literatura do jornal da cidade (Moraes, 1998, p. 66).

Sinalizando em busca de demonstrar ou mesmo dialogar com o que fora supracitado, a partir daqui colocaremos em evidência os nomes dos poetas que no período já aqui declinado, mais publicaram no jornal *Folha do Norte*. Tentando demonstrar através da amostragem de poemas destes o seu estilo parnasiano ou simbolista, demarcando também alguns aspectos que fogem a essa tipologia estética.

O primeiro nome que aparece no Jornal FN em 1940, e que tem um número vasto de publicações, é o do poeta Aloísio Resende, publica nestes cinco anos – mesmo após sua morte – 23 poemas no FN. Resende, definido por Antônio Lopes “como o maior poeta de Feira de Santana” (1979, p. 10), como jornalista do FN, obteve de muitos dos seus contemporâneos

uma grande admiração pelo seu talento. De origem humilde não completou nem o curso primário, contudo ficou conhecido pela sua inteligência arguta.

Aloísio Resende, não fora reconhecido como poeta de elite, não gozando de admiração de entre alguns literatos de Feira de Santana. De estilo Parnasiano, opta pelos versos alexandrinos e decassílabos, possuindo seus versos uma estética que comprova sua escolha. Seus poemas demonstram sua natureza mística a qual ele cativava no Terreiro de Mãe Filhinha, neste ele ainda buscava uma nova modalidade para sua arte poética. Como comprovamos através dos versos do poema que segue:

### **MANOEL DE XANGÔ**

De Manoel de Xangô distante corre a fama,  
Pois dêle o povo diz coisas tão singulares,  
Que bem pouco há descrever do quanto se proclama  
Desse babá-laô de exóticos esgares.

Entanto em se lhe vendo a vez primeira crê-se  
De uma pobre criatura, apenas, se tratar,  
Porque nada de mais nos falsos gestos lê-se,  
Que o pai-de-santo venha ao menos revelar.

Quando na intimidade, ali, no seu terreiro,  
Deixa como de parte os recatos e as manhas.  
Deixa, para se vê o ousado macumbeiro.  
Com trajectos expondo de múltiplas façanhas.

Fala de si com garbo e com certo entusiasmo.  
Descreve fatos tais como o próprio céu duvida,  
Fatos que de se ouvir até se fica pasmo,  
Que a glória são, talvez, maior de sua vida.

Do feitiço se preza ao saber que é temido  
E chama-o de responso o preto não papalvo,  
Prevendo achar-se um dia em tramas envolvido,  
Para que possa ver-se um tanto posto a salvo.

De já ter acabado um próximo casório  
E' de que mais se ufana o cafuz da Tapera,  
E diz que tudo fez com simples responsório,  
Acho desse poder que então Xangô lhe dera.

Caro embora pagasse a atrevida aventura,  
Pois qual recebera um distinto presente,  
Si dêle o caso ouvindo exalçam-lhe a figura,  
Demonstra o riso que um certo orgulho sente.

E o Manoel de Xangô, que não sabe ter pena,  
Mas sabe da macumba o mal que vai fazer,  
Tal mexeu no alguidar, que a formosa morena,  
Nunca mais, nunca mais do noivo quer saber” (Ma-  
nuel de Xangô, 1940, p. 1)

Resende deixa transparecer nesse poema sua observação e inserção nos terreiros de candomblé. Percebemos neste poema propriedade que ele fala de como se comporta o pai-de-santo. Utilizando-se de imagens que se desdobram em tornar o seu olhar algo poético e verdadeiro, Aloísio faz um mergulho na miscigenação de nossa cultura. Os elementos que ele lança mão como no poema não fazem parte da estética parnasiana, apesar da arrumação do poema e a sua linguagem mostrarem ao contrário, o poeta mergulha em um assunto novo, revelando de certa forma, um ar de moderno. Ressaltamos aqui que ele fala da sua identidade de homem inserido no misticismo

religioso de uma forma *heterogênea*, há de certa forma, uma modernidade embutida em seus versos parnasianos mas que falam de uma identidade de homem místico e mulato, sinalizando para suas raízes.

Não queremos dizer aqui que se trata de um poeta modernista, mas que se trata de um poeta de estilo parnasiano que já começa a esboçar em seus versos traços de um modernismo revelado.

Aloísio Resende, em sua poesia não teve por tema apenas o misticismo, mostra em outros poemas toda a sua marca parnasiana, em *Demónia*, percebemos a presença de um sofrimento, homem apaixonado e a imagem de uma mulher fria e distante, algo que se mostra no trecho abaixo:

Grega estátua de amor, do derradeiro sonho  
De um triste artista affito, em barátras, rolando.  
Sinto que soffro muito e que padeço, quando,  
Quando nesse mármore vivo, acaso, os olhos pu-  
nho (...) (*Demónia*, 1940, p. 1)

Há todo um traçado de palavras e expressões que no caso do trecho acima denotam a forte presença do estilo parnasiano, a mulher é exaltada deusa em sua beleza. Este poema diferencia do poema Manuel de Xangô, onde Resende também utiliza a forma Parnasiana, mas através de outro viés. Ao tematizar ele demonstra os traços de um possível modernismo, ou seja, o mergulho nas raízes como dissemos anteriormente.

O poeta mostra com os seus escritos – que o cantar das figuras e formas do seu misticismo, sua mudança temática é o que poderíamos chamar de segunda fase dentro do processo de escrita. Por isso que ousamos dizer que ele possui laivos de modernismo, mesmo mantendo a forma parnasiana em seus poemas.

Neste estado de constatações dentro da poética de Aloísio Resende, ressaltamos seu valor como poeta. Sendo ainda autor de marchinhas de carnaval que fizeram época em Feira de Santana.

Deixou em preparo antes de morrer um livro chamado *Caxixi*, o qual ele tem por musa os ritos africanos. Esses poemas foram seu últimos versos, ele morreu em 1941, deixando a fama de ter sido um dos maiores poetas que a Feira de Santana já possuiu. “Ele será incontestavelmente, a representação máxima da poesia feirense, até que outro mais brilhantes poeta surja” (Lopes e Boaventura, 1979, p. 13).

Uma outra expressão forte da poesia dos anos de 1940-1945, é o poeta Honorato Filho. Feirense, formado em medicina, possuidor de um vasto conhecimento, era professor de grego, latim, francês na Escola Normal de Feira de Santana e também no Colégio Santonópolis dando também aulas particulares destes idiomas.

Honorato Filho fazia parte da elite intelectual de FSa. O poeta é um forte representante do parnasianismo na cidade. Com formas rebuscadas e a grande maioria dos seus títulos de poemas em latim, ele tem de 40-45 um número muito grande de escritos publicados no FN.

Ao longo de sua vida literária Honorato dedicou-se a temas ligados a religião.

uma série de poemas sobre festas da região. Nesse assunto dava preferência às ligadas ao aspecto religioso como São João, Natal, o Reisado e, a maior de todas, a festa da Padroeira Senhora Santana. No entanto, retratou, de forma crítica, a festa de carnaval (Moraes, 1998, p. 73).

Ele ainda trazia em seus poemas temas relacionados ao

tema ao homem, abordando a expressão humana com a tendência finissecular. Tentaremos agora, através do versos de Honorato Filho, ratificar sua tendência ou preferência pelo Parnasianismo.

### **IMPIEDADE**

O que vejo, meu Deus, da crua realidade  
Fez minha alma sofrer e o coração rebelar,  
Que não devo ser falso e tramar a maldade  
Do sorrir e do olhar na expressão mais singela.

Tudo na vida humana é apenas falsidade...  
Em cada face triste a dôr bem se revela,  
E em cada seio ardente, a simular bondade,  
Há trapos de miséria, entrêchos de novela.

Vejo que a nossa vida em lama se transforma,  
Quando o morbo voraz o organismo destrói,  
Ou na energia bruta ou na mais bela forma.

No cenário do mundo há rubor de fomalina,  
Onde o ódio arde e a paixão, que as visceras corroi  
Da casta sempre injusta e putrida gentalha. (Folha  
do Norte, 1944, p. 1).

Este poema é um dos poucos de Honorato Filho que entre 1940-1945, possui um título em português, pois a opção por títulos em latim era uma marca desse poeta nessa fase de sua vida. O poema fala da condição humana, da miséria que reside em cada ser humano, ele avalia e analisa a condição humana. Com uma visão crítica, mas ao mesmo tempo dogmática, ele não se desprende do seu lado religioso. Suas palavras

rebuscadas denotam seu gosto parnasiano, bem como o seu tema escolhido.

### **Si Est Dolor**

Não há dores que se iguale às dores de Maria,  
Mais e mais a soffrer de Deus pela vontade,  
Cem lágrimas de luz regando a humanidade  
Olhando o céu azul em plácida harmonia.

Sacrificando a vida em prol da christandade,  
Do pecador Jesus insulto recebia,  
E, estudando na fé doce se confragia  
O coração de Mãe, que d'elle tem piedade!

Se na agonia do Horto, o sangue em suor vestido,  
Banhou seu Corpo Todo esplendido de luz.  
Numa visão de amor turbando-lhe o sentido,

Sublimou-se a su'Alma entre os efeitos da História,  
Quando se lhe apagou a vida numa Cruz (Folha do  
Norte, p. 1941, p. 1).

Com um tema da morte de Cristo, o poeta derrama seu lirismo, optando por retratar o sofrimento e sacrificio e sofrimento de Jesus para redenção da humanidade. Mais uma vez a presença carregada de sua religiosidade, deixando transparecer novamente e reafirmar que o poeta em questão vivia em plena década de 40 do século XX, escrevendo como um Parnasiano do final do século XVI.

Honorato Filho deixou-nos um livro intitulado Pedacos D'Alma. Livro de poemas publicado no ano de 1927 (Moraes, 1998, p. 73). Intelectual de grande renome na sociedade feirense, Honorato publica no período em estudo, no Folha do

Norte, o equivalente a 23 poemas – alternando entre um número e outro do jornal. No entanto no ano de 1940, ele tem publicados seguidamente 14 dos seus poemas no FN.

Um outro poeta que muito se destaca por seus sonetos e maestria com o verso é Antônio Lopes. Conhecido como *o príncipe dos poetas feirenses*, ele publica desde sua mocidade, brindando a memória poética da PSe com versos bem estruturados.

Antônio Alves Lopes nasceu em Feira de Santana em agosto de 1918, falecendo em 1990 aos 72 anos. Diplomou-se em professor pela Escola Normal de Feira de Santana em 1935 (terceira turma da escola). Em 1947 termina o curso de Contabilidade no Colégio Santonópolis.<sup>8</sup>

Desde muito cedo AL é influenciado para se dedicar a arte do verso. Ele recebe de seu pai, que era autodidata, um tratado de metrificação, pois esse acreditava através deste presente despertaria o filho para o que ele achava ser a boa poesia Parnasiana (Bilac, Cruz e Souza, Castro Alves, entre outros).

Movido por um entusiasmo latente em seus poemas, Antônio Lopes, defende a forma fixa (soneto), como a manifestação mais pura da poesia. Com diversas publicações esparsas no FN, nosso poeta desfruta da posição de uns dos poetas que mais publicaram neste periódico.

Durante sua vida AL, teve um grande produção, publicou alguns livros de poemas e alguns ensaios. Dentre estas publicações citaremos aqui algumas delas: *Vozes Perdidas* (1962), (publicado novamente em 1972 juntamente com *Vozes do Ocaso*). Em 1976 publica *Vozes Noturnas*. Em 1978 *Vozes Derreadeiras*, em 1979 publica junto com Alberto Boaventura um livro sobre Aloísio Resende, *Poesias de Aloísio Resende*. Admirador da poesia de Aloísio Resende, AL, publica em 1985

8 Dados passados para nós pelo filho de Antônio Lopes, Uaçai Lopes, através de e-mail.

um ensaio crítico sobre este poeta. Em 1986, queixando-se não possuir mais inspiração AL publica Vozes Ocasionais, sua última publicação.

Amante da forma fixa, com declinamos anteriormente, seus poemas possuíam uma temática Parnasiana, bem como a sua forma contemplava esse estilo de escrever. Percebemos em sua poética a presença sempre marcante da flor, da mulher e dos sons, fato esse que fica bem explícito nos títulos que ele dava aos seus livros.

Em um dos seus poemas publicados no FN, temos em seus versos uma espécie de metalinguagem, pois ele tenta descrever o que é ser poeta, lançando mão de imagens forjadas mediante o encontro do seu eu com o mundo. A sonoridade do ser poeta se revela no poema, deixando-nos diante de um texto sonoro e rico em imagens.

### **Ser poeta**

Ser poeta é sentir dentro do peito  
O coração pulsar com sutileza!...  
E' ver o mundo calmo satisfeito  
Risonha a vida, meiga a natureza!

Ser poeta é ser sempre o terno eleito  
Da sonora poesia da beleza!...  
E' cantar com prazer o ser eleito  
A' ventura, à alegria e à tristeza!

Ser poeta é viver dentro do mundo,  
Sentindo o meigo perpassar profundo  
De um sonho lindo no seu doce anseio!

E cantar a ternura do invisível.

E' sorrir para o eterno e o impossível!  
Cantar o amor com delicado zelo! (Folha do Norte,  
1942, p. 3).

Em 1945, Antônio Lopes escreve um poema dedicado aos heróis da II Guerra, em especial os brasileiros. Neste texto, ele enaltece os bravos e a terra que possui orgulho em possuir homens com essa coragem de lançar em uma guerra tão violenta. Percebemos que apesar do poema ser de 1945, já com o modernismo concretizado no sul do país e até mesmo em Salvador, AL, continua cultivando a estética Parnasiana e em especial o soneto. Para o nosso poeta feirense, o soneto era a forma mais perfeita de manifestação poética, para ele o poeta deveria escrever sempre obedecendo a forma fixa, soneto.

#### **7 de maio de 1945**

Sôa, enfim, a canção da Vitória aliada  
A Alemanha baqueia à destra da razão,  
Há congratulações da nossa jubilada,  
Pelo feito moral do bem contra opressão.

Ergue-se, pelo espaço, o auri-verde pendão  
Da terra do Brasil nesta festa encantada,  
Em que o povo celebra sua redenção  
E glorifica a paz há tanto desejada.

Fulge, esplendente, o sol fraternal entre os povos!  
Há prelúdios louçãos... há pensamentos novos...  
Sobre a face da terra esperançosa e bôa.

E enquanto, ó liberdade, o doce magestade.  
Tu te ergues, singular, ao trono da Verdade.

O sólo do Brasil inteiro te abençoa. (Folha do Norte, 1942, p. 3).

Informamos aqui que entre a década de 50 e 60, do século XX, Antônio Lopes possuía junto com alguns amigos, um grupo que se reunia para falar de poesia, o que era chamado de

Velha guarda literária de Feira de Santana, ou pelo menos uma velha-guarda provinciana onde os limites e o universo literário encontra-se deslocado da realizada do País ou até mesmo do Estado da Bahia. Essa velha-guarda reúne-se semanalmente nos anos cinquenta e sessenta na Confeitaria Aurora”<sup>9</sup>.

Fato semelhante vai acontecer mais tarde na década de 70 com o Grupo Hera. Grupo formado por poetas com uma proposta moderna de poesia em nossa Feira de Santana. Poetas como: Roberval Pereyr, Antônio Brasileiro, Iderval Miranda, Wilson de Jesus, entre outros, marcam as reuniões semanais que acontecem na casa de Antônio Brasileiro. O Grupo Hera marca com o talento e modernidade de seus integrantes a poética feirense o baiana, projetando-se nacionalmente.

Todavia, o percurso histórico que impele o poeta para o futuro, não o impede que conserve seu olhar em um tempo pretérito. Retornar, para a poesia significa, na verdade, marcar um ponto de encontro com as vozes passadas e futuras de um mesmo homem, de uma individualidade que, no entanto guarda imanente, as diversas vozes do outro. Retornar, pois, é a condição de se encontrar o instante original onde se acredita ser a morada da integridade dos eventos e das coisas:

---

9 Dados passados para nós pelo filho de Antônio Lopes, Uaçai Lopes, através de e-mail.

Por acreditar no que falamos acima, é que tentamos pois, ordenar os fatos da história de FSa. Situando em seu quadro citadino os poemas e poetas que publicaram nas páginas do FN (1940-1945). Evocando o passado através das diversas vozes, buscamos neste presente, sistematizar a memória poética de Feira de Santana, tentando construir e manter viva a história literária e cultural desta romântica e múltipla Princesa do Sertão.

**Quadro I - Folha do Norte 1940**

<b>DATA</b>	<b>NUMERO</b>	<b>POETAS</b>	<b>POEMAS</b>
06/01	1591	Aloísio Resende Rocha Lima Antônio Lopes	Demónia Dádiva Perdida Idealismo
13/01	1592	Aloísio Resende Antônio Lopes	Lésbia Ansia
20/01	1593	Aloísio Resende Antônio Lopes C. Menezes	Verônica Criança Elegia
27/01	1594	Aloísio Resende	Aspide
03/02	1595	Lydio Santos	Homem de pouca fé
10/02	1596	Antônio Lopes	Betty
09/03	1600	De Oliveira Lopes	Georgina Erismman
16/03	1601	De Oliveira Lopes	Julieta
24/03	1602	A. J. Pereira da Silva	Fé
30/03	1603	Geirgina Erismman (última produção da autora)	Solicitude
06/04	1604	De Oliveira Lopes	Você
20/04	1606	Aloísio Resende De Oliveira Lopes Pedro Santos	Iemanjá Nunca mais Máguas
27/04	1607	Aloísio Resende	Mãe Filha
04/05	1608	Aloísio Resende	Bozo

01/06	1612	Aloísio Resende De Oliveira Lopes Pedro Santos	Manuel de Xangô Reconciliação As palmeiras
08/06	1613	Aloísio Resende Pedro Santos	Jungla Esperança
29/06	1616	Aloísio Resende	No Bembé
06/07	1617	Aloísio Resende	Imo pectore
13/07	1618	Aloísio Resende	Pemba
10/08	1622	Aloísio Resende	Menininha
17/08	1623	Aloísio Resende Pedro santos P. Chico de M. Filho	Coisa-Feita Tod Rean Amor de Filho
24/08	1624	Aloísio Resende	Terreiro
31/08	1625	Aloísio Resende	Damí
02/11	1634	Goes Filho	O artista pedreiro do Cemitério

#### Quadro II - Folha do Norte 1941

DATA	NÚMERO	POETAS	POEMAS
18/01	1645	Morre Aloísio Resende	
01/02	1647	Roberto Cruz	Manhã Sertaneja
08/02	1648	Alcina Dantas Ernani Menezes Elpídio Bastos	Um sino canta Ancora Partida Simphonia Azul
22/02	1650	Elpídio Bastos	Inconoscível
01/03	1651	Inácio Raposo	Valsa Antiga
08/03	1652	Aloísio Resende	Lagôa
15/03	1653	José Bonfim	Trecho de carta
05/04	1656	Honorato Filho	Si est dolor...
12/04	1657	Honorato Filho	Homo-lupus
19/04	1658	Honorato Filho	Finalidade humana
26/04	1659	Honorato Filho	Trans mortem
10/05	1661	Honorato Filho	Latet Anginis
17/05	1662	Honorato Filho	Pro Fide
24/05	1663	Honorato Filho	In Gurgite molorum
31/05	1664	Honorato Filho	Gaudeo
14/06	1666	Honorato Filho	Fiat Justitia

21/06	1667	Honorato Filho	Tempora Matatur
28/06	1668	Honorato Filho	Per lucem ad luam
12/07	1670	Honorato Filho	Per Crucem
19/07	1671	Honorato Filho	In Albis
26/07	1672	Honorato Filho	Pro Gloria Patior
02/08	1673	Honorato Filho Clovis Silva Miguel Sacristão	Desideratum Poemas de Lembrança Ele e a sua história
23/08	1676	Campos de Oliveira Miguel Sacristão	Meu Coração Ser Padre "Ele"e o milagre
06/09	1678	Campos de Oliveira	Tentação

### Quadro III – Folha do Norte 1942

DATA	NÚMERO	AUTORES	POEMAS
03/01	1695	Aloísio Resende	Alusão a um ano de morte deste poeta
02/05	1712	Antônio Lopes	Ser poeta
30/05	1716	Alcina Dantas	Ao mês de maio
06/06	1717	João Antônio Reis	Leticie
20/06	1719	Aloísio Resende	Fogueira de São João
27/06	1720	Antônio Lopes Alcina Dantas	Miss Aurelina Lúa Bendita
10/10	1735	Florisia Arlete de Freitas	Passáro Azul
07/11	1739	Pe. Antônio Thomaz	O palhaço
28/11	1742	Antônio Lopes José de Sá Florisia Arlete de Freitas	Desdémoma Acrostinado Desengano de Camponesa

### Quadro IV – Jornal Folha do Norte 1943

<b>DATA</b>	<b>NÚMERO</b>	<b>AUTORES</b>	<b>POEMAS</b>
09/01	1748	Martins Fontes Florisia Moraes	Orfeu Mendiga
23/01	1750	Da Costa e Silva Florisia Moraes Antônio Lopes	Soror Dolores Amor, Saudade e esperança Aloísio Azevedo
30/01	1751	Olégário Mariano	Noite Sonora
13/02	1753	Martins Fontes	Apolo
20/02	1754	+ Ronald de Carvalho Alcina Dantas Florisia Moraes	A espera do Luar O bicho da encruzilhada A lembrança do passado
27/02	1755	+ Augusto dos Anjos	Apocalipse
03/04	1760	+Augusto dos Anjos Alcina Dantas Antônio Lopes	Apostrofe da Carne No roçado Ditinha
10/04	1761	Aita	Lendo os teus versos
17/04	1762	Florisia Moraes Antônio Lopes	No bazar do destino Ivete
05/06	1769	A. Carmo	Teus olhos
19/06	1771	Alcina Dantas Antônio Lopes Florisia Moraes	O padeiro Coração Serrinha
26/06	1772	Florisia Moraes	Vais ficar
09/10	1787	De João Feirense Martins Fontes	Hitler Crespúsculo
23/10	1789	Florisia Matos De João Feirense	Adversidade e ventura Currente calamo
27/11	1794	José de Oliveira	Pássaro Preto
25/12	1798	Bastos Tigre	A consoada

### Quadro V – Folha do Norte 1944

<b>DATA</b>	<b>NÚMERO</b>	<b>POETAS</b>	<b>POEMAS</b>
-------------	---------------	---------------	---------------

01/01	1799	Bastos Tigre Florisia Morais	1º de janeiro Ano Bom
08/01	1800	De Feirense	Natal
23/01	1802	João Resende	Antônio Garcia
12/02	1805	Florisia Morais	Partida
19/02	1806	De João Feirense Florisia Morais	A tapera Caboclo do Sertão
04/03	1808	José de Oliveira	Entardecer
08/04	1813	Bastos Togra	Aleluia
22/04	1815	João Feirense	O Brasil vai lutar
29/04	1816	Argilêu Silva Florisia Morais	Feira Aqueles Olhos
06/05	1817	José Bahia	Prelúdio
20/05	1819	De João Feirense	Maria
27/05	1820	De João Feirense	Atualidades
05/08	1830	Edylio Ribeiro	Canto de Araponga
12/08	1831	Edylio Ribeiro	Poeta
09/09	1835	Anisio F. Leão	Pérola Verde
16/09	1836	De João Feirense	Reminiscência
23/09	1837	Florisia Morais	A filha do Boiadeiro
30/09	1838	De João Feirense	Saudade
14/10	1840	Anisio F. Leão	Lucia
04/11	1843	José Baia	Enquanto Sorri o céu
18/11	1844	José de Oliveira	Outono e primavera
25/11	1846	Honorato Filho	Impiedade
09/12	1848	Honorato Filho Edylio Ribeiro	Hipocrisia A dor
16/12	1849	Honorato Filho	Falsos ídolos
23/12	1850	De João Feirense Florisia Morais	Príncipe Triste A tuberculosa
30/12	1851	Edylio Ribeiro	Boas Festas

## Quadro VI – Folha do Norte 1945

DATA	NÚMERO	AUTORES	POEMAS
06/01	1852	Edylio Santos	Destino
13/01	1853	Edylio Santos Honorato Filho	Predestinação In Deum Credo
27/01	1855	Honorato Filho	Abnegatio
03/02	1856	Honorato Filho José Bahia	Mutabilis Homo Cantiga para Anuscha
10/02	1857	Edylio Ribeiro José Bahia	Claustro Rua de Cima
17/02	1858	Antônio Lopes Honorato Filho	Serrinha Mistificados
24/02	1859	Honorato Filho José Bahia	Sacrifio Marinha
03/03	1860	João Feirense Honorato Filho	Confitente Mutilação / Sacrificio
10/03	1861	Edylio Ribeiro Florisia Morais	Infância Dentro da noite
31/03	1864	Edylio Ribeiro José de Oliveira Florisia Morais João Feirense José Bahia	Jesus no Horto Cravo Branco Nosso romance Derradeiro amor Mensagem ao mestre antigo
17/04	1865	José Bahia Jacob Campos	Carnaval Ardil
21/04	1866	Edylio Ribeiro	Saudade
28/04	1867	Alvaro Washington Antônio Lopes	Soneto Saudade
12/05	1870	Honorato Filho	Finis Germance

02/06	1873	Edylio Ribeiro Antônio Lopes	O temporal 7 de maio de 1945
23/06	1876	José Bahia	São João
14/07	1879	Edylio Santos	Tu...
28/07	1881	Roberto Cruz Antônio Lopes	Cybele Conciliação

### Quadro VII – Folha do Norte 1945

DATA	NÚMERO	AUTORES	POEMAS
18/08	1884	Antônio Lopes	A espera
01/09	1886	Antônio Lopes	A vida
08/09	1887	Antônio Lopes José de Oliveira	A morte Sangue dos heróis
15/09	1888	Barreto Florisia Moraes	Saudade O que posso te dar...
22/09	1889	Armindo Martins * Godofredo Carneiro Moreira	Humilhante e sublime Sonho desfeito
29/09	1890	Antônio Lopes Antônio Martins	Sob a ternura dos teus lindos olhos A verdade
06/10	1891	Armindo Martins	O homem
13/10	1892	Armindo Martins	Escravidão
20/10	1893	Armindo Martins	Deus
27/10	1894	Armindo Martins	O mar
03/11	1895	Godofredo Carneiro Moreira	Dúvida
08/12	1900	Armindo Moreira	A vida
15/12	1901	Armindo Moreira	Minha escrava
29/12	1903	Bastos Tigre	Agradecimento

## 4 EM UMA CIDADE DE POÉTICA PARNASIANA: EURICO ALVES E GODOFREDO FILHO: DOIS CASOS À PARTE

### *Os copos*

Ainda guardam as marcas dos lábios gastos pelo  
tempo

Alegria e tristeza

Varando a marechal

Deodoro

(Miranda, 1982, p. 86).

### **4.1 EURICO ALVES, POETA, VAQUEIRO E FIDALGO**

Diversos momentos da história de um povo e da própria literatura se juntam em correntes cruzadas. Pensando nisso, neste momento do nosso texto, vamos cruzar a história e sinalizar, tentando mapear alguns dos poemas de um feirense – Eurico Alves Boaventura – que se destacou como um dos nomes mais expressivos da literatura feirense e baiana antes, e de 1940 –1945.

Eurico Alves não comunga das tendências parnasianas dos seus contemporâneos feirenses, por isso nós o colocamos ao lado de Godofredo Filho como dois casos à parte. Não localizamos nenhum poema seu publicado no *FN*, todavia falar de literatura em Feira de Santana no período em estudo (1940 – 1945), e deixar passar ao largo um nome que em seu tempo lançou algumas das bases para solidificação do modernismo

na Bahia, seria contradizer-nos, pois o que queremos aqui é dialogar com a memória literária de Feira de Santana, resgatando-a em seu aspecto mais intenso e verdadeiro.

Em tempos onde se discute a morte do sujeito, crise da representação, ousar falar de um poeta com a temática regional é, além de tudo, um desafio. Tentaremos aqui falar da importância da poesia do escritor feirense Eurico Alves Boaventura.

Escrever sobre alguém que deixou no passado marcas literárias tão profundas é remeter-me a este. É além de entrar na memória de um povo, de um momento tentar resgatar o fazer de Eurico Alves que se revela como poesia em forma de poema.

Eurico Alves é um memorioso, um mestre da palavra, uma testemunha que canta o homem sertanejo de forma a esculpir na história da literatura baiana e feirense um momento novo. Ligado a um tradicionalismo que Carlos Chiacchio chama de “dinâmico”, o poeta Eurico Alves consegue lançar-se como um possuidor de um estilo moderno que entra em consonância com os modernistas do sul do Brasil.

Aluno da Faculdade de Direito da Bahia, em Salvador, desde cedo Eurico Alves foi em seu tempo um homem cheio de ideias novas, inquieto com a situação literária do estado desde início da década de 30.

Na Bahia havia um certo esgotamento das letras. Havia passado o tempo dos grandes tempos de uma literatura que elegeu muitos dos escritores que faziam e fazem parte do cânone nacional. Nosso poeta surge com uma sensibilidade contemporânea, destacando-se pela necessidade de fazer uma leitura dos paradigmas que regiam a literatura da época. Desde o conteúdo estético a sua expressão formal, EA buscava através da sua sensibilidade especulativa revelar em seus versos o reformular de procedimentos literários que se encontravam cristalizados.

O poeta e ensaísta Eurico Alves Boaventura, que sai de sua Feira de Santana e vai estudar na capital, leva dentro de si a imagem de sua cidade e do sertanejo, temáticas que sedimentaram seu estilo. Animado por reminiscências fortes de sua cidade – FS – o escritor desperta no meio literário baiano a imagologia inerente a cada um dos escritores do seu tempo.

“E fora o artificialismo, às vezes comprometedor, das excentricidades e dos prejuízos formais do modernismo incipiente, do qual não se esquivou de todo, temos em Eurico Alves um poeta consciente da arte que dispunha para dar, como deu, e a seu modo, o melhor de si mesmo” (Carvalho Filho, 1990, p. 24).

Assim, Carvalho Filho refere-se a EA, falando da unidade formal do poeta, bem como dos seus avanços com a palavra e o tema dos seus poemas.

Uma obra vasta, com apenas uma edição de um livro Poesia, sob a coordenação da sua filha Maria Eugênia Boaventura, que através da Fundação Cultural do Estado da Bahia colocou para o público alguns dos poemas da obra significativa de seu pai. Poemas, contos e ensaios foram publicados em alguns jornais da Bahia e de alguns estados do Nordeste, como Alagoas e Pernambuco, durante um período compreendido entre 1928 até a década de 60.

Em vida, Eurico Alves não buscou artifícios para divulgar sua obra, pois preocupava-se mais com o processo criativo, do que com a elaboração de sua obra. Em um ensaio escrito em 1978 por Juracy Dórea temos a primeira tentativa de lembrar a obra e a vida de Eurico Alves. Neste texto ele reúne diversas informações sobre o escritor. “Eurico Alves identifica-se com aqueles que encontram todo sentido para a arte

apenas no ato de criar.” (Dórea, 1978)

Temos ainda publicado de autoria de EA, um livro intitulado *Fidalgos e Vaqueiros*, onde Eurico escreve sobre os homens do sertão. Wilson Lins refere-se a esta obra de EA como de fundamental importância, sendo um grande ensaio sociológico ao estilo de Gilberto Feire em *Casa Grande e Senzala*. (Alves, 1989).

Eurico Alves Boaventura fez parte do grupo fundador da *Revista Arco & Flexa*, juntamente com Pedro Aguiar, Carvalho Filho e Hélio Simões. *Arco & Flexa*, tem o primeiro nome editado em novembro de 1928 e último volume, que reunia os números 4 e 5, publicado em 1929. Durante o curto período da existência da *Revista*, Eurico Alves teve participação em todos os números. Ívia Alves em seu estudo sobre o periódico *Arco & Flexa* revela com propriedade da temática e do estilo de EA, durante o período que ele escreveu para a revista.

É o autor mais representativo do periódico, tendo assimilado e integrado a temática local e nordestina ao lado das renovações estilísticas e rítmicas já elaboradas e exercitadas pelos grupos do sul do país. Notamos, nas suas produções, a preocupação racional, de exercício, com a disposição das estrofes na mancha do papel, a dinamização da folha escrita na revista. (Alves, 1978, p. 48).

*Arco & Flexa* reuniu jovens poetas da Bahia preocupados com o movimento de renovação literária que se expandia no Brasil, cujo marco inicial foi a Semana de 22. No período em que a revista surgiu, a literatura predominante na Bahia era parnasiana. Em um contexto bastante conservador, cujas leituras e valores vigentes eram os do final do Século XIX, *Arco & Flexa* não foi recebida sem pronunciamento contundente

dos mais exaltados que classificaram de “porcaria” os poemas nela publicados. Todavia, apesar dessa exaltada e negativa repercussão, Arco & Flexa estava longe de assumir um caráter de uma revista de literatura revolucionária.

Eurico Alves encaixa-se como um adepto do tradicionalismo proposto por Carlos Chiacchio. Nome respeitado no mundo das letras baianas, escreve o artigo de abertura do primeiro número da Arco & Flecha no qual ele expressa o conceito de Tradicionalismo Dinâmico e ataca as posições de Mário de Andrade e da Revista Antropofágica que ele considera como extremistas e violentas e propõe **o senso da medida**.

A obra de Eurico Alves Boaventura, representa o que há de mais autêntico nas escolhas de uma temática ligada às tradições regionais, na tentativa de erigir uma literatura nacional com bases nas raízes históricas e culturais de um povo. Em 1973, numa entrevista, Eurico Alves coloca o conceito de Tradicionalismo Dinâmico: “Tradicionalismo Dinâmico significa manter a tradição movimentando-a, agitando-a para não morrer ou ser apenas decorativa” (Chiacchio, Jornal A Tarde).

Dentre os autores que participaram de Arco & Flexa, a obra de Eurico Alves é incontestavelmente a que apresenta um cunho modernista mais acentuado, na tentativa de ultrapassar as formas tradicionais em busca de processos estilísticos renovadores. Assumindo proposta temática do Tradicionalismo Dinâmico, Eurico vai percorrer o caminho da renovação da linguagem, experimentando formas, descartando o recurso do discurso tradicional, retórico e desgastado.

O próprio Chiacchio reconhece que Eurico Alves, tem “Um jeito de poeta modernista à moda do sul. Irá agradar imensamente aos modernistas lá de baixo” (Jornal A Tarde). Em Eurico, a temática nordestina é trabalhada dentro de uma perspectiva modernista numa poesia que consegue ser individual, sem perder o seu caráter universal.

Eurico Alves caracteriza e representa em seu poemas o abraqueiramento do português, fazendo um mergulho na tradição não intelectualizada ou legitimada pela elite dominante. Através de um estilo próprio ele ultrapassa o conservadorismo do cenário literário na Bahia entre 1940 – 1945. Com essa e muitas outras características de um estilo próprio que canta e evoca o regional, ele inscreve a Bahia no processo de modernização da literatura brasileira.

Depois de sua experiência em Arco & Flexa o poeta, sob a influência de Emile Verhaeren e da sua experiência de cidade grande, produz uma série de poemas que ele confessa em uma carta querer reunir sob o nome de Poemas Metálicos. Ele começa a formar o que depois se tornaria plaqueta: Poemas Metálicos – com Petróleo, Bahia, Raça, Usina, Barragem, Dínamo, Arado e Sertanejo (Alves, 1990). Reminiscências de leitura dos versos deslumbrantes do escritor flamengo Emile Verhaeren. É interessante notar que Mário de Andrade também manifesta a mesma atração pela obra de Verhaeren:

Na minha desarvorada, já conheci até alguns futuristas de última hora, mas só descobri Verhaeren. E fora o deslumbramento. Levado em principal pelas ‘*Villes Tentaculaires*’, concebi imediatamente fazer um livro de poesias ‘modernas’, em verso-livre sobre a minha cidade (Andrade, 1976).

Rita Olivieri em um artigo publicado na revista *Sitientibus*, diz que EA, possui em seu versos a forte influência do escritor Jorge de Lima. Ela concebe uma intertextualidade entre os dois poetas.

Dentro dessa temática nacionalista brasileira, a influência de Jorge de Lima se faz sentir, em especial

o Jorge de Lima de *Poemas* (1927), quando o poeta se volta para ambivalência regional, atribuindo-lhe um caráter extremamente sensual. A leitura de *Zubiapunga*, poema que evoca a dança ritual de negros do sul da Bahia, nos remete a *Xangô*, de Jorge de Lima, do ponto de vista temático e das inovações, em termos da disposição gráfica dos versos. Do mesmo modo, ao escrever *Bahia de todos os Santos*, Eurico Alves o dedica a Jorge de Lima numa referência intertextual clara ao poema homônimo desse autor (Olivieri, 1987, p. 38).

A temática regional, retomada a partir de sua volta ao sertão baiano – Feira de Santana – em 1934, constrói através de uma recepção intuitiva da realidade. Eurico Alves traduz em seus poemas a realidade intuída pelas sensações. Em Feira de Santana nosso poeta tem um encontro marcado – mais uma vez – com a figura do sertanejo, o qual ocupa um espaço de relevo dentro de sua poética.

Ainda falando da recorrência regional nos poemas de EA, nos remetemos ao poema que ele escreve para Manuel Bandeira, *Elegia para Manuel Bandeira*. Este é um dos poemas mais populares de Eurico, nele o autor estabelece um diálogo com Manuel Bandeira, sendo dedicado ao poeta, obtendo uma resposta.

Na *Elegia*, Eurico faz um jogo de palavras cantando Feira de Santana e a figura do sertanejo, de forma lírica e muito forte. A cidade surge entre o campo, a cidade do sertão entre serras de onde emana uma energia forte carregada de contemplação. A Serra resplandece como um ponto de vida onde subi-la é a representação da vida “... a subida da serra é um plágio da vida...” O tom nostálgico e evocativo do poema marca um dos pontos forte da obra do poeta em estudo.

Os poemas que seguem a seguir, um de Eurico e outro de Bandeira, nos põe em contato direto com diálogo estabelecido entre os dois autores:

### **Elegia para Manuel Bandeira**

Estou tão longe da terra e tão perto do céu,  
quando venho de subir esta serra tão alta...  
Serra de São José das Itaporocas,  
afogada no céu, quando a noite se despe  
e crucificada no sol se o dia gargalha.  
Estou no recanto da terra onde as mãos de mil  
virgens  
tecem céus de corolas para o meu acalanto.  
Perdi completamente a melancolia da cidade  
e não tenho tristeza nos olhos  
e espelho vibrações da minha força na paisagem.

Os bois escavam o chão para sentir o aroma da  
terra,  
e é como se arranhassem um seio verde, moreno.

Manuel Bandeira, a subida da serra é um plágio da  
vida.  
Poeta, me dê esta mão tão magra acostumada a ba-  
ter nas teclas  
da desumanizada máquina fria  
e venha ver a vida da paisagem  
onde o sol faz cócegas nos pulmões que passam  
e enche a alma de gritos da madrugada.  
Não desprezo os montes escaldados  
tal o meu romântico homônimo de Guerra  
Junqueiro.

Bebo leite aromático do candeial em flor  
e sorvo a volúpia da manhã na cavalgada.  
Visto os couros do vaqueiro  
e na corrida do cavalo sinto o chão pequeno para  
a galopada.

Aqui come-se carne cheia de sangue, cheirando a  
sol.

Que poeta nada! Sou vaqueiro.  
Manuel Bandeira, todo tabaréu traz a manhã nas-  
cendo nos olhos  
e sabe de um grito atemorizar o sol.

Feira de Santana! Alegria!  
Alegria nas estradas, que são convites para vida na  
vaquejada,  
alegria nos currais de cheiro sadio,  
alegria masculina das vaquejadas, que levam para  
a vida  
e arrastam também para a morte!

Alegria de ser bruto e ter terra nas mãos selvagens!

Que lindo poema cor de mel esta alvorada!

A manhã veio deitar-se sobre o sempre verde.

**Manuel Bandeira, dê um pulo a Feira de  
Santana**

e venha comer pirão de leite com carne assada de  
volta do curral

e venha sentir o perfume de eternidade que há nestas casas de fazenda,  
nestes solares que os séculos escondem nos cabelos desnastrados das noites eternas

venha ver como o céu aqui é céu de verdade  
e o tabaréu como até se parece com Nosso Senhor  
(Boaventura, 1990, p. 68).

Bandeira responde à Eurico com o poema Escusa, publicado em Belo Belo e incluído na seleção Meus Poemas Preferidos. Poema Escusa fala da recusa de Bandeira ao convite sedutor de Eurico, fazendo uma oposição entre campo e cidade. Percebe-se ainda como as vozes dos poetas estão em consonância com o estilo de escrever de um do outro. Entre versos e palavras chegamos a perceber a voz de Bandeira na Elegia e a de Eurico Alves no tom da escrita do seu interlocutor de poemas.

### **Escusa**

Eurico Alves, poeta baiano,  
Salpicado de orvalho, leite cru e tenro cocô de cabrito,  
Sinto muito, mas não posso ir a Feira de Sant'Ana.

Sou poeta da cidade.  
Meus pulmões viraram máquinas inumanas e aprenderam a respirar o gás carbônico das salas de cinema.  
Como o pão que o diabo amassou.  
Bebo leite de lata.  
Falo com A., que é ladrão.

Aperto a mão de B., que é assassino.  
Há anos que não vejo romper o sol, que não lavo as  
mãos nas cores das madrugadas.

Eurico Alves, poeta baiano,  
Não sou mais digno de respirar o ar puro dos cur-  
rais da roça.

Manuel Bandeira (Boaventura, 1990, p. 6).

Entre esses dois poetas nós detectamos o estilo em comum que há entre os dois escritores, com relação a isso mais uma vez recorremos ao texto de Olivieri:

A obra de Eurico Alves tem muitos pontos em comum com a de Manuel Bandeira, sobretudo com de “Evocação do Recife”. A presença das imagens brasileiras, com o tem evocativo e nostálgico, a percepção de elementos do cotidiano como fonte de criação, a linguagem prosaica imprimindo um tom pessoal são elementos também presentes em diversos poemas de Eurico Alves que recriam de maneira predominante, a atmosfera nostálgica através de reminiscências da infância, na tentativa de resgatar o passado através da criação poética. (Olivieri, 1987, p. 47).

A temática regional, retomada a partir de sua volta ao sertão baiano – Feira de Santana – em 1934, constrói através de uma recepção intuitiva da realidade. Eurico Alves traduz em seus poemas a realidade intuída pelas sensações. Em Feira de Santana nosso poeta tem um encontro marcado – mais uma vez – com a figura do sertanejo, o qual ocupa um espaço de

relevo dentro de sua poética.

No poema *Sertanejo* (poema inédito do autor)<sup>10</sup> que se abaixamos conseguimos perceber imagens fortes forjadas por Eurico sobre o sertão e o sertanejo. A representação do sertão como um espaço idílico, recorrendo à terra e ao vaqueiro com imagens tecidas na paisagem sertaneja.

A terra que embala os sentidos, é virgem e canta o orgulho do sertanejo, embriagando-se na paisagem. Desnudando espaços e criando metáforas forjadas no encanto que o sertão exerce sobre o poeta, ele cria uma imagem de prazer e beleza, onde paisagem e sertanejo, são cantados em uma relação constante, perfazendo um aspecto pueril do homem do sertão. A vida tranquila do campo, configura-se em imagens de cores, sabores e olhares.

Ah! Volúpia de sentir o sol cantado em correias pelos músculos tismados,  
de aspirar a delícia humana dessa carne alva das manhãs matutas  
e ouvir o luar chorando na recordação  
quando geme a voluptuosa viola nos terreiros enlazarados pelos sorrisos e pelos requebros passaraís das morenas nos sambas apetitosos...

O homem citadino surge como aquele desconhecedor de gozos tão simples, fortes e embriagantes. Há uma espécie de contraponto entre o sertanejo e o citadino (mais uma vez a oposição campo e cidade), um a embriagar-se nas paisagens, nos cheiros e nas cores e outro desconhecedor desse espaço encantador e belo, segundo as palavras do poeta:

Citadino, tu que não tiveste a felicidade de nascer

---

<sup>10</sup> Poema copiado do arquivo da Prof. Rita Olivieri – 1997.

no meu sertão,  
não conheces este orgulho que se aspira em tudo.  
Orgulho de ter nascido entre estes barrancos e este  
céu!  
Orgulho de trazer a voz da terra embalando os sen-  
tidos,  
o aroma da terra embriagando os pensamentos  
claros como a madrugada!  
Orgulho de trazer nos gestos a virgindade da terra  
cabocla...

Redimensionando o espaço, o poeta vê neste sertão a representação de um Brasil onde vive, aliando-se a multiplicidade de vozes as quais falam de Brasis diversos, e como às grandes cidades existentes também são edificadas por esse homem simples que trabalha com a terra e que está escondido nesse cenário idílico e paradisíaco.

E, ouvindo o teu canto,  
vaqueiro destemido do meu sertão,  
penso no Brasil vivendo!  
Penso nos dias maravilhosos, que hão de chegar,  
as manhãs de oiro e esplendor que hão de envolver  
a nossa paisagem,  
que hão de aleluiar como pássaros sobre os meus  
pensamentos...  
Ouvindo o teu canto rude como a terra virgem,  
saudável como um grito forte de sol,  
ouvindo o teu canto, sertanejo, meu irmão,  
ouço o Brasil,  
ouço o canto polifônico das cidades extraordinárias,  
o canto multiforme das roldanas e dos dínamos  
nas usinas,

o canto dos guindastes atletas e possantes, sertanejo irmão,  
levando o teu esforço, o teu trabalho, o teu ritmo jovem,  
para o ritmo cansado das cidades legendárias que não conheces.

Vislumbramos ainda no poema o orgulho de ser sertanejo homem bravo e forte, resistente a toda espécie de dor e sofrimento, o poeta puxa o fio e enquanto o faz reúne elementos de uma natureza árida que trás nas suas entranhas a figura de um homem permeado de vida e inserido na paisagem sertaneja.

Assíduo freqüentador dos encontros e bate-papos no final da tarde na Praça da Matriz,<sup>11</sup> EA volta à cidade, configurando-se como no meio cultural de FSA como um grande poeta e jurista, fazendo parte da elite intelectual da cidade como um nome de fama e relevo.

Eurico Alves em relação aos poetas feirenses da época de 1940 – 1945, segundo Juracy Dórea: “não exerceu uma influência direta, em virtude do próprio silêncio em torno de sua obra que começou a ser descoberta agora nesta década”<sup>12</sup>

Diferençando sempre dos seus amigos e poetas feirenses, pelo seu estilo moderno, Eurico Alves em seus poemas canta uma Feira de Santana como espaço idílico. Juracy Dórea diz ainda que: “Como poeta ele tem todas as referências do sertão, de Feira de Santana especialmente, e depois a admiração, a loucura, o amor que ele tinha por essa cidade.”<sup>13</sup> É esse poeta

---

11 Dado de uma entrevista concedida pelo Prof. Almiro Vasconcelos no dia 23 de fevereiro de 1999, na Av Sampaio – Feira de Santana.

12 Entrevista concedida no dia 21 de agosto de 1998 à Isaura Braz no Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana.

13 Ibidem

que levou Feira de Santana consigo quando fora estudar em Salvador e a cantou, criando a imagem dessa cidade que para ele era muito mais que alegria, era uma paixão.

Eurico Alves foi um caso à parte no seu tempo no que se refere a poética de Feira de Santana de 1940-1945. Essa Feira de Santana tão mista e marcada pelo clima seco de quase sertão, ganha vida e se torna uma bela paisagem nos poemas de Eurico. Embora a sua aparência possa coincidir com as mil e uma versões que do mesmo tema deram poetas de outros lugares, o poeta aqui lembrado e revisitado, deixou-nos imagens de beleza e maestria poética, ratificando a sua importância para sua cidade, Feira de Santana, e para o Modernismo Baiano.

Ao lado de Godofredo Filho tornou-se não só um poeta com temática e estilo moderno em Feira de Santana, mas também na Bahia que mantinha ainda, no século XX, uma literatura com temática e características do século passado.

#### **4.2 GODOFREDO FILHO: “O IRMÃO DA POESIA.”**

Godofredo Filho foi considerado o principal poeta modernista da Bahia. Nascido em Feira de Santana, foi um dos filhos dessa cidade que logo trilhou caminho para a capital do estado, Salvador. Lecionou na antiga Escola Normal de Feira de Santana, na Escola de Belas Artes da Bahia, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Entregou-se a vida religiosa em um dado momento de sua adolescência, o que é abandonado por ele em seguida devido a uma crise “gnosiológica aberta na consciência e não por problemas de ordem sentimental, como era mais comum” (Lopes, 1984, p. 91).

Um intelectual dinâmico, homem preocupado com a conservação e resgate da nossa história. Foi chefe do 2º Distrito do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, trabalho que executou na Bahia e Sergipe. Sempre indignado

perante a destruição deste patrimônio, o defendeu oficialmente durante trinta e oito anos, para em seguida fazê-lo como escritor, cidadão e artista.

Possuidor de uma vasta obra literária, porém essas obras possuem um número limitado de publicações. Em 1939, Godofredo Filho escreve um peça de teatro intitulada Auto da Graça e Glória da Bahia em comemoração aos quatrocentos anos da cidade de Salvador.

Foi um espetáculo marcante que denotava toda cultura de Godofredo Filho a serviço de uma sensibilidade que permitia escrever um trabalho que requeria mão de mestre (Vianna, 1999).

Feira de Santana também é muito bem lembrada nos poemas de GF. Inspirado, ele escreve um poema sobre a sua terra natal, o qual só é publicado quase meio século depois. Quando indagado, por Raymundo Luiz Lopes, sobre o retardamento da publicação do poema o poeta diz: “Julgamento pessoal pejorativo do texto, displicência, orgulho, pudor de reminiscência íntimas, acaso de segredos? Não se sabe, ninguém sabe” (Lopes, 1984, p. 89).

### **Feira de Santana**

Feira de Sant’Ana do grande comércio de gado  
nos dias poeirentos batidos de sol compridos  
Feira de Sant’Ana  
das segundas-feiras de agitações mercenárias  
carrerias de vaqueiros encourados  
tabaréus suarentos abrindo chapéus enormes  
barracas esbranquiçadas à luz.  
e as manadas pacientes que vêm para ser vendidas

de bois de Piauí de Minas e do sertão brabo  
até de Goiás.

(meu bisavô Zé Carneiro era o bicho em negócio  
de gado  
meus parentes todos ricos que hospedaram o  
Imperador  
quando ele foi à Feira ver a feira  
seu Pedreira meu tio Cerqueira)

a rua Direita evoca tanta gente acabada

... e dos monótonos pacatos dos dias sem ninguém  
quando cai do céu muito azul  
uma grande sonolência igual as coisas

cidade clara do clima generoso elixir de alegria  
cidade onde os tuberculosos vão beber o ar que  
acalma as tosses  
e passeiam a ver se coram manhãs luminosas  
a ver se coram

minha terra  
lindamente chantada no planalto  
tão alta minha cidade perto do céu  
ali eu tive tudo  
meus cinco anos  
meus brinquedos todos  
o automovinho que papai me trouxe quando veio  
da Bahia (...)

(...) foi ali que vi o cometa Halley

no transparente azul da fria madrugada

juventude

adolescência

tristeza de partir para a clausura do colégio

ânsia de chegar meses depois no trem da tarde

ó enlevo deliciosa confusão

de esperancinhas melhores (...)

(...) minha terra

primeiros braços que me apertam

primeiros lábios que beijei

primeiros sofrimentos ignorados amores sentimentais silêncios

fria macia carícia da tarde morrendo (...) (Godofredo, 1987, p. 83-91).

Conforme em trechos do longo poema sobre Feira de Santana, que seguem abaixo, podemos perceber o canto de um homem apaixonado por sua terra. O poeta move-se dentro do texto descrevendo as características marcantes da cidade. Relembra o comércio de gado, o clima, e a figura do vaqueiro que surge como o homem que compõe o cenário maravilhosamente descrito. Marcado de recordações e evocações o poeta traduz em versos a sua história e da sua cidade.

A nossa Feira de Santana é a imagem da cidade que GF canta como uma mulher amada. A saudade da meninice é algo sempre recorrente em seus versos, revista de forma pungente. Sua história pessoal é lembrada junto com a da cidade cantada no mesmo tom da vida pessoal do escritor. O poeta veste FSA de uma beleza cálida, em meio as agitações que marcam o comércio da cidade, ele diz amar essa terra, lembrando os momentos que construíram sua história na cidade

onde ele nasceu.

Quando ele fala do cometa Halley, nos remetemos a sua lembrança na entrevista com Raimundo Lopes. Quando indagado sobre o fascínio referente ao cometa, GF diz: “Somente porque vimos naquela fria madrugada feirense de maio de 1910 e temos a esperança (ó, a esperança!) de revê-lo em 1996” (Godofredo, 1987, p. 90). Godofredo consegue rever o cometa e os mistérios que o fascinam nesse corpo celeste e sua esperança torna-se realidade.

E assim esse poema guardado durante tantos anos por GF, chega até nós, mas o mistério de sua publicação tardia ficou guardada nas diversas defensivas feitas pelo seu autor.

Godofredo é também um dos casos à parte no que se refere a poesia feirense de 1940-1945, ele, como Eurico Alves, não morou toda à vida em FSA, sendo a cidade lembrada em seus versos e poemas. A exemplo de EA, não fora encontrado por nós nenhum poema de GF publicado no FN entre 1940-1945. Resta-nos no entanto, neste espaço aqui tentarmos esboçar um pouco do que foi este mestre do verso, Godofredo Filho.

Desde muito cedo entre os anos 20 e 30, GF começa a publicar, despertando a atenção da melhor crítica baiana. Carlos Chiacchio considerava Godofredo como “a maior expressão da poesia nova da Bahia.” (Lobo, 1992, p. 6). Elogios diversos começam a surgir. Manuel Bandeira de quem GF foi cicerone quando em sua visita a Salvador, compara-o a Ronald de Carvalho e a Guilherme de Almeida. Para Bandeira, Godofredo era um poeta admirável – uma forte expressão modernista com olhos acesos a uma linguagem moderna que abria violentamente as portas do academicismo dominante.

Debaixo daquela sobriedade elegante de cidadão, há assombrações desatinadas de jagunço, há dentes chiando no fogaréu vermelho das macumbas e

rumores inquietantes de arapuás danados (Lobo, p. 1992, p. 6).

Godofredo Filho não fez parte do grupo da revista Arco & Flexa colabora apenas em um dos seus números. Ívia Alves comenta sobre o poeta e sua publicação na Arco & Flexa:

Apresenta afinidades com pesquisas renovadoras paulistas e seu único poema *Usina* publicado em *A&F*, reconstrói por associações e detalhes a atmosfera da usina (...) Godofredo Filho talvez estivesse muito mais próximo de uma solução para a temática modernista brasileira que se apresentará depois, em 30, com os romances rurais no ciclo da cana-de-açúcar, do que o próprio patrono da revista, na sua pretensão de limitar a Bahia a centro gerador de todos os motivos de raízes nacionais que poderiam criar temática própria brasileira, isto é, temática que indicasse *brasilidade* (Alves, 1978, p. 45-46).

Diante de tal afirmativa percebemos que GF cumpre de certa forma a sua função de adivinho de um aspecto que se revelará de forma muito característica uma possível identidade literária brasileira.

Com o livro *Solilóquio*, GF desperta o público para mais uma das faces de sua poesia. Alceu Amoroso Lima tece sobre esse livro um crítica favorável na qual lemos o seguinte:

Nenhum poeta brasileiro, como o autor de *Solilóquio*, soube imobilizar o tempo e a paixão sem retirar, nem a um, nem à outra a sua infinita imobilidade. É isto que faz a extraordinária originalidade

de sua poesia, tão aparentemente sofisticada e fria, e no fundo tão dramaticamente sensual, culinária falérnica (...) (Lobo, 1992, p. 7).

Nesse trecho (abaixo), do poema, temos o espírito e o sangue contido em cada verso, uma angústia contida em versos *amargos* de um poeta apaixonado pela violência da paixão.

O que jamais falaste e ainda perdura  
Nestes versos amargos; o que vias  
Na sombra enorme e nunca m'ó dizias,  
Nem trocaste por outra vã ventura (Godofredo,  
1987, p. 265).

Chamado por Cid Seixas de “velho bruxo alquímico” (Seixas, 1996, p. 58), GF é mostrado como um poeta jovem que causa estranheza em sua forma de escrever. Um poeta que três anos depois da Semana de 22, publica na Bahia seus versos de impacto. A alquimia que GF demonstra em seus poemas mostra o grande preparador de versos e o artífice da palavra que apresenta a Bahia conservadora da década de 20 uma nova forma de escrever.

Jerusa Pires Ferreira em um artigo publicado em 1971, sustenta que:

É ainda na alquimia que Godofredo Filho se mostra grande e preparador, o grande aliciador e codificador de mistérios, um dos mais injustiçados poetas brasileiros. É preciso conhecê-lo para avaliar a sua altitude transfiguradora, a sua grandeza de destruidor-construtor (princípio mecânico que rege a arte e a consciência de uma Modernidade) (FERREIRA, 1971 *apud* SEIXAS, 1996, p. 58-59).

O nosso poeta, o *alquímico*, é bem recebido pela crítica modernista da época, tendo seu nome se inscrito como um poeta de muito talento, um construtor de um possível modernismo baiano. Todavia, ele ainda não foi conhecido como deveria por todos os brasileiros que devem ver neste poeta um exemplo de poesia construída e trabalhada através de belos módulos vocabulares.

Godofredo Filho, manipulador de vocábulos ricos, conhecido por possuir uma linguagem pura e clara. Observador de fatos e acontecimentos do nosso século, em nada era superficial, imprime sua marca em seu intenso labor poético. Com seu nome sendo citado e admirado por grande poetas e críticos, GF, é citado por Hermes Lima como sendo “pioneiro do modernismo na Bahia, cuja poesia lhe deve os surtos iniciais de renovação e vanguarda” (Lima *apud* Lobo, 1992, p.07). Com base nesta assertiva podemos mesmo dizer que Godofredo foi o primeiro e principal precursor de um modo de escrever, o qual influenciou por demais na literatura baiana.

O artigo de Cid Seixas Fraga Filho, “Godofredo Filho: 50 anos de presença literária e do modernismo na Bahia” (Seixas, 1996, p. 55-92), aborda a importância de Godofredo Filho para a literatura baiana, bem como sua contribuição na solidificação do movimento modernista na Bahia. Traçando o contexto sócio cultural dos escritores baianos depois do romantismo, analisando o comportamento da poesia destes, o autor solidifica a importância de Godofredo Filho e como este ainda não se faz muito conhecido por alguns do meio literário. Neste escrito Seixas cita as críticas feitas por diversos escritores e críticos da primeira metade do século XX.

Deste modo, Carvalho Filho, Eugênio Gomes, Hélio Simões e Afrânio Coutinho foram expressões das mais significativas, no âmbito da criação ou da

reflexão crítica de uma consciência de modernidade que se esboçava, mas cujos primeiros embates têm como figura de Godofredo Filho (Seixas, 1996, p. 62).

Diante da importância que GF assume no cenário literário baiano, renovando as letras, nosso poeta em 1928 tem seu livro *Samba Verde* impresso pela Pongentti. Entretanto neste mesmo ano GF, antes mesmo do lançamento do livro, retira a edição deste. O próprio autor alega que “este não mais representava a deriva de sua pesquisa estética” (Seixas, 1996, p. 64).

Considerando GF como poeta modernista, Drummond pinça um escrito sobre o alquimista baiano:

Que poema belo, passional e pungente, o seu ‘Ladeira da Misericórdia’! Não envelheceu, guardado na gaveta. Conserva a todo sumo ardente e triste, e se comunica ao leitor e faz a gente sentir nas formas da ladeira nas formas e meneios de mulher – uma mulher-síntese de todas as que você evoca em versos de um patético e um lirismo de grande categoria (Lobo, 1992, p. 7).

E assim, Godofredo Filho precursor do modernismo na Bahia é considerado por um dos maiores poetas do nosso século – Carlos Drummond de Andrade- um poeta que comunica e passa uma poesia viva que se revela nas formas de seus poemas.

Em seu universos poético GF sempre traz a tona a imagem do vinho, da flor e da mulher, formando assim uma mágica trilogia. Em especial ele se detém no vinho, escrevendo sete sonetos versando sobre sua bebida preferida. Amante da

poesia e do vinho quando indagado sobre a escritura dos sete sonetos sobre o tema ele diz:

Esses vinhos, mal comparando, são como nós como partituras de Mozart, de Haendell, de Bach, Villa Lobos. Ou pinturas de Giorgione e de Parmigianino. Ou a paisagem vespéral de nosso Alberto Valença. Há que respeitá-los, tomá-los sacramente, como um louvor à munificência do Senhor, e jamais abusar-lhes da força ou da magia. Orgulhamo-nos de que, numa referência a *Sete Sonetos do Vinho*, **um dos nossos melhores críticos literários tivesse escrito que são ‘dignos de Horácio e de Gôngora’ (Lopes, 1984, p. 89).**

Dessa forma percebemos que a sua paixão pelo vinho é algo que se manifesta na arte de forma geral, atingindo a música e coroando-se como se degustar tal bebida fizesse parte de todo um ritual sagrado.

Nos versos de um do soneto *vinho do porto*, **observa-se o fascínio de GF como se o vinho fosse algo que sanasse seu tédio, liberando um homem diferente do comum nesse vinho da videira de seu sítio interior.**

Desliza em rota insone. E eu te procuro,  
ó domador de tédio. E, travo e mel,  
de teu conúbio vegetal ressumbram  
no liquefeito olhar das feras bravas (Godofredo,  
1987, p. 253).

Em um pequeno poema GF fala da mulher, imagem sempre presente em seus poemas, uma das marcas de sua poética. A mulher é cantada, é nossa América, a nossa terra, com seus

cheiros em perfumes de uma mulher moça.

### **Exaltação**

No silêncio quente da tarde americana...

(Ó cheiro bom de mulher moça!)

Perfume de minha terra... (Godofredo, 1987, p. 47).

Preocupado com o homem e o mundo, ele acreditava que o homem da segunda metade do século, sofria de atrofia progressiva. Ele – Godofredo Filho – via a subversão dos valores morais e éticos dentro de uma subversão quase irreversível, o homem pouco compreendia o mundo moderno que ele mesmo criou. Acreditava no momento que a grande tarefa do homem moderno era salvar a liberdade da pessoa humana para que assim diminuísse a hipertrofia social.

Falando de literatura e de como esta subsidiaria o homem para enfrentar o cientificismo GF, a via como uma consoladora de algumas frustrações. Em se tratando de como percebia e aceitava o mistério da poesia, bem como o fazer poético GF defendia o seguinte:

Ao traçar caracteres negros na brancura da folha, transformando-os em palavras geladas, ardentes, em palavras hirtas ou dúcteis como panteras de olhos incandescentes na selva escura, essa mão ensaiou um gesto de criar primitivo, *ab initio*, da Divindade. É a mão germinal do poeta, se autêntico, e tão somente se o é, mão que Deus inspira e move, iluminada, iluminando. Certo que o poeta não cria do nada, o que se evidencia na prospecção da genética do poema e na consideração dos módulos

vocabulares que o implementam. Simplesmente, dotado de poder inexplicável, ele capta e reduz a dimensões humanas mensagem recebida, no-la devolvendo imagística ou subliminalmente tratada. Quando muito, erige-se como pastor de palavras, num condensador da música delas num manipulador, de símbolos gráficos e vocais, e, às vezes, em beluário, ou num demiurgo (Lopes, 1984, p. 91-92).

O mestre do verso, o nosso memorioso, com estas palavras expressa sua função de poeta o demiurgo, criador de mundos e de momentos novos. Fora esse poeta, um admirador e feitor dos mais belos versos da literatura baiana e feirense, coroando nossa história literária de talento e inovação. O mistério da poesia e da palavra em sua essência mais íntima comungam-se para expressar o significado do real figurado nas substanciações e transmutações de um verbo que se faz vivo em suas diversas e adversas combinações.

O que mais buscamos com esse tatear de esboço de prosador ao falar de Godofredo Filho e Eurico Alves, foi reinaugurar lembranças redundando em tomar a linguagem em estado de reencenação e, a cada reencenação, como se fosse a vez primeira. O eterno retorno que se traduz no exercício poético que se repete - não como o labor de Sísifo - mas referindo-se a si mesmo na medida em que é a recuperação de um passado remoto, e que pode encontrar-se atemporalizado pela atualização das lembranças.

## CONCLUSÃO: ESPAÇO DA INCLUSÕES

ESBOÇO DE PROSADOR QUE TATEIA NO ESCURO EM MEIO A uma aquarela de palavras, assim chama-se este dizer literário. As páginas fizeram e teceram a rede, tentando construir um rastro para marcar a lembrança da poesia de Feira de Santana no período da II Guerra Mundial.

As leituras são eternas, e esta certamente não termina aqui. Poderíamos dizer que o término de um estudo ou obra é sempre acidental; fica aquele gosto, a ânsia de melhorar o texto, de aparar as arestas para que as entrelinhas se sobressaíam. É possível, também, que não estivéssemos dispostos a fugir do encontro com a Poética e Memória: O Parnasianismo e a Guerra das Palavras (Feira de Santana 1940-1945), porém o melhor ficou guardado nas dobras de cada linha do nosso texto, esperando a sensível descoberta do leitor.

Pressupomos que a conclusão possa ser o espaço das inclusões, um instante de se perder no papel, se deixar a voz sumir. Contudo, existem aqueles que esperam um arremate, e, nesse caso, necessário de faz não decepcioná-los. Para essas pessoas desenha-se com cores leves um quadro onde seja possível o encontro entre a memória e a poesia da cidade de Feira de Santana através de poemas Parnasianos ou modernos

Por meio de poetas que deixam ressoar em seus poemas, o estilo de escrever de um tempo onde o Parnasiano enchia a alma desses homens feirenses, deixamos que a repetição inaugurasse a possibilidade de rememorar os escritos esquecidos

nas pregas do tempo e do Folha do Norte. Não podemos detectar a primeira voz de cada um deles, mas buscamos manter as palavras na composição de cada verso e poema, numa tentativa de acompanhar o tecer e destecer dos fios sobre o já vivido e experimentado por cada escritor e assim, reconstruir os traços mnemônicos da poesia em FSA de 1940 –1945.

O tempo presente, personifica-se como o juiz supremo, recolhedor de experiências passadas, e, ao mesmo tempo, a ponte que orienta para o futuro, destino a que é dado cumprir todo o evento e coisa que são resgatados da zona da deslembração quando transmudados em poesia. Uma poesia composta por olhares diversos e impregnados de um tempo pessoal, por resistências, medos e tormentos existenciais. E assim, o poeta vai costurando sua obra, embora os retalhos individuais possam ser velhos ou bastante conhecidos.

Enquanto Sísifo cada poeta repete suas palavras, o seu real, germina e transmuta o verbo através de um olhar sobre o tempo buscando inspirar-se. Com voz modernista ou parnasiana nossos poetas feirenses descentraram-se de si mesmos arquitetando e compondo o mosaico poético da Princesa do Sertão. A literatura desenha o mundo, desfazendo-o e refazendo-o incessantemente; não nos interessa perguntar quantos versos há no total de todos os poemas que resgatamos, o que nos resta é respirar e usufruir das paisagens áridas de FSA e da beleza de saber que essa cidade realmente possui vocação para a poesia, sempre a mesma e sempre outra.

Manuel Bandeira, a subida da serra é um plágio da vida.

Poeta, me dê esta mão tão magra acostumada a bater nas teclas  
da desumanizada máquina fria  
e venha ver a vida da paisagem

onde o sol faz cócegas nos pulmões que passam  
e enche a alma de gritos da madrugada.  
Não desprezo os montes escalvados  
tal o meu romântico homônimo de Guerra  
Junqueiro.  
Bebo leite aromático do candeial em flor  
e sorvo a volúpia da manhã na cavalgada.  
Visto os couros do vaqueiro  
e na corrida do cavalo sinto o chão pequeno para a  
galopada (Boaventura, 1990, p. 68).

Esperamos que depois desse estudo inicial, o tema seja retomado adiante para um estudo no qual seja possível expor ao grande público a produção individual dos escritores que mais produziram entre 1940 1945. Desta forma, realmente, a história literária de FSA será resgata e feita, através de uma história inoficial, contatando a história da cidade, por meio da Literatura.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; BENJAMIN, Walter; HABERMAS, Jürgen. Textos escolhidos. In: id; **Os pensadores**. Trad. José Lino Grünnewald (et al). São Paulo: Abril Cultural, 1993 (Coleção Os Pensadores).

AGUIAR, Joaquim de. **Espaços da memória**: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Fapesp, 1998. 218p.

ALENCAR, Helder. Eurico Alves. **Feira Hoje**. Feira de Santana, 1974.

ALVES, Ívia Iracema Duarte. **Arco & Flexa**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978, 145p.

ALVES, Ívia Iracema Duarte. A imprensa e o modernismo. **A Tarde Cultural**. Salvador, 1992.

ALVES, Ívia Iracema Duarte. A modernidade de *Arco & Flexa*. **A Tarde Cultural**. Salvador, 1992.

ANDERSEN, Benedic. **Nação de consciência nacional**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989. v.9: Temas

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora 1976, 256p.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural / Aleida Assmann; tradução: Paulo Soethe. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BARRÊTO, Evandro. **Eurico Alves uma presença modernista na Bahia**. Feira de Santana, 1977.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978. 89p.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. de Antônio Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1984. 313p.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1997. 379p.

BATISTA, Sylvania Maria. **Conflitos e comunhão na festa da padroeira em Feira de Santana (1930 –1950)** / Sylvania Maria Batista; Monografia (Especialização em Metodologia da História); orientação [de] Profa. ME. Wladina Ribeiro de Albuquerque – Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1997. 80p.

BEJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. - 3.ed. - São Paulo: Brasiliense, 1987. 253p.

BOAVENTURA, Alberto Alves. **Poetas feirenses**. Feira de Santana: Gráfica Feirense, 1973.

BOAVENTURA Eurico Alves. **Fidalgos e vaqueiros**. Salvador: UFBA, 1989.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Poesia**. Salvador: Fundação das Artes/ Empresa Gráfica da Bahia, 1990. 183p.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. Eurico Alves: dados bibliográficos. In. **Diário de Notícias**. Salvador, 1976.

BOSI, Alfredo (Org.) **Leitura de poesia**. São Paulo: Ática, 1996. 239p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484f.

BRASILEIRO, Antônio. **Os três movimentos da sonata**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980. 95p.

BRASILEIRO, Antônio. **A pura mentira**. Rio de Janeiro: Philobliblion; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984. 107p.

BRASILEIRO, Antônio. Feira de Santana: Uma vocação para a poesia. **Reunião Especial da SBPC, 4**; anais. Feira de Santana: UEFS, 1996. p. 25.

BURKE, Peter A história como memória social. In. **O mundo como teatro**: Estudos de uma antropologia histórica. Lisboa: Difel, 1992.

CALMON, Pedro. *História da literatura baiana*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. 145p.

CALILINGWOOD, R. G. **A idéia de história.** Trad. Alberto Freire. 7 ed. Lisboa: Editorial Presença LDA, 1989. 398p.

CHAUÍ, Marilena. **A nervura do real:** imanência e liberdade em Espinosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 941p.

CURTIUS. Ernst Robert. **Literatura européia e idade média latina.** Trad. Paulo Rónai e Teodoro Cabral. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1996. (Clássicos 2), 755p.

DEOCLECIANO, Vicente. Projeto memória da feira livre em Feira de Santana. In. Id. **Sitientibus.** Feira de Santana: UEFS, n.18, jun.1998. p.167-196.

**Dicionário de Oxford de literatura clássica.** Compilado por Sir Paul Harvey. Trad. Mário Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. Pág.346 e 350.

DÓREA, Juracy. **Eurico Alves poeta baiano.** Feira de Santana: Casa do Sertão / Lions Clube de Feira de Santana, 1978. 96p.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese.** Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. 14 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996. 168p.

ECO, Humberto. **O segundo diário mínimo.** Trad. Sergio Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1994. 114p.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** 2.ed Trad. De Pola Cive-lli. São Paulo: Perspectiva, 1986. p.32.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins

Fontes, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1986.1809p.

**Folha do Norte** (n.º 1591 a 1903). Feira de Santana, 1940–1945.

FOUCAULT, Michel. A prosa do mundo. In: id. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes. p. 33-60.

FREITAS, Iacyr Anderson. **As perdas luminosas: Uma análise da poesia de Ruy Espinheira Filho / Iacyr Anderson Freitas**; Dissertação (Mestrado); orientação [de] Prof. Dr. William Valentine Redmond – Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1996. 109p.

FILHO GONÇALVES, José Moura. Olhar e memória. In: Aduino NOVAES (org.). **Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 490p.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição/ Carlo. Trad. Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GODOFREDO, Filho. **Irmã poesia**: seleção de poemas. Apresentação de Edivaldo Boaventura. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

GODOFREDO, Filho. **Solilóquio**. Organizadores: Cid Seixas e Carlos Cunha Edições Arpoador. Salvador: Fundação

Cultural do Estado da Bahia, 1974.

GOTHE, Flávio R.. **Para ler Benjamin**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 126p.

HELENA, Lúcia. **Totens e tabus na modernidade brasileira**: símbolo e alegoria na obra de Oswald de Andrade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1985. 213p.

JAUSS, Hans Robert; [et al]. **A literatura e o leitor**. Textos de estética da recepção; seleção e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria da literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOBIM, José Luis (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 448f.

LE GOFF, Jacques. Memória In: id. **Memória e História**. Trad. Bernardo Leitão [et all]. 4ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 423-477.

LIMA, Francisco Ferreira de. Alteridade na perigração. In: **O outro livro das maravilhas**: a perigração de Fernão Mendes Pinto. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1998. Págs. 59-122.

LIMA, Geraldo Ferreira de. Em busca de uma identidade entre aboios e buzinas. **Usina**. Feira de Santana, Ano 1, nº 2, 1996. p. 8-9.

LOPES, Raymundo Luiz. Godofredo Filho nos seus oitenta anos (entrevista). In: **Sitientibus**. Feira de Santana: UEFS, nº 04, jun de 1984, p. 85-92.

LOPES, Antônio; BOAVENTURA, Alberto Alves. **Poesias de Aloízio Resende**. Feira de Santana, 1976. 45p.

LOPES, Antônio. **Poesias**. Feira de Santana: Gráfica Feirense, 1942. 56p.

LYRA, Pedro (org). **Sincretismo**: a poesia a geração de 60 – introdução e antologia. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. 25-128p.

MALLARD, Letícia. [et al]. **Historia da literatura**: ensaios. 2 ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1995. 179p.

MASCARENHAS, Dulce. Carlos Chiacchio. **Homens e obras**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1937.

MIRANDA, Iderval. **Festa e funeral**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982. 117p.

MORAIS, Ana Angélica Vergne de. **Sant'Anna dos Olhos D'Água**. / Ana Angélica Vergne de Moraes; Dissertação (Mestrado); orientação [de] Profa. Dra. Ívia Iracema Duarte Alves – Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1998. 125f.

MOREIRA, Maria Eunice. **Nacionalismo literário e crítica romântica**. Porto Alegre: IEL, 1991. 219p.

ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Discurso fundador**: formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas;

S. Paulo: Pontes, 1993. 170p.

OLINTO, Heidrun Krieger. **Histórias de Literatura:** As teorias alemãs. São Paulo: Editora Ática, 1996. 315p.

OLIVIERI, Rita. O arcaico e o moderno na poesia de Eurico Alves. **A Tarde Cultural.** Salvador, 1990.

OLIVIERI, Rita. Para ler Eurico Alves **Sitientibus.** Feira de Santana: UEFS, nº 7, jun.1987. p.35-47.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira.** Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 217p.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro.** Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 368p.

PEREIRA, Roberval. **A unidade primordial da lírica moderna** / Roberval Pereira; Dissertação (Mestrado); orientação [de] Profa. Dra. Judith Grossmann – Salvador: Universidade Federal da Bahia, Dissertação, 1991. 114f.

PEREYR Roberval. **Concerto de ilhas.** Campinas: Versal Casa dos Livros, 1997. 44p

PEREYR, Roberval. **Ocidentais.** Feira de Santana: Edições Cordel, 1987.35p.

PITOMBO, Dival, Feira ontem – uma curtição saudosista. **A Tarde.** Salvador, 16.06.1976..

PITOMBO, Dival. Cinquentenário de um poeta. **Folha do Norte.** Feira de Santana, 1959.

POPPINO, Rollie E. Popino. **Feira de Santana**. Salvador; Editora Itapuã, 1968. 313f.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

SAMPAIO, Gastão. **Feira de Santana e o Vale do Jacuípe**. Salvador – Ba: Bureau Gráfica e Editora LTDA. 229p.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas das letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SEIXAS, Cid. **Triste Bahia, Oh! Quão dessemelhante**. Salvador: Fundação Cultural, 1996. 245p.

SPINA, Segismundo. O despertar das formas. **Na madrugada das formas poéticas**. São Paulo: Ática, 1982. 21-59.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979. 198p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992. 339p.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone Moisés. 3 ed. São Paulo: 1982. 217p.

VALÉRY, Paul. **Variiedades**. Trad. Maiza Martins de Siqueira.

São Paulo: Iluminuras, 1991. p. 93-110.

ZAMBONI S. P. O Paradigma em Arte e Ciência. In. **Pesquisa em Artes Plásticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRS, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997. 45p.

## **NORMATIZAÇÃO**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Normas ABNT, sobre documentação*. Rio de Janeiro, 1989.

FERREIRA, Gilda Pires. *Diretrizes para normalização de dissertações acadêmicas*. Salvador: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. 1993. 56p. il. (Biblioteca Central da UFBA, Série Bibliografia e Documentação, 1).

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996. 231p.

NAPOLI. Roselis. *A lanterna verde e o modernismo: A pesquisa de periódicos na Literatura Brasileira*. São Paulo: IEB, 1970. p. 05-12

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. *Apresentação de trabalhos monográficos de conclusão de curso*. 3 ed. Niterói: EDUFF, 1998. 68p.

## Sobre o livro

**Projeto gráfico, diagramação** Erick Ferreira Cabral

**Capa** Igor Bento

**Revisão** Bianca Sthephanny Martins Gomes

**Mancha Gráfica** 10,5 x 16,7 cm

**Tipologias utilizadas** Adobe Garamond Pro 11/13,2 pt

O livro **Poética e Memória: o parnasianismo e a guerra das palavras se anuncia, tranquilamente, como uma aproximação e passeio na memória poética de uma cidade localizada na região nordeste do Brasil, Feira de Santana. A escritora Cristiane Porto estabelece a investigação, temporalmente, entre 1940 – 1945, período da chamada Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Fundamentando-se teoricamente nos estudos da memória cultural, a pesquisa promove o encontro com os poemas publicados no jornal Folha do Norte (Feira de Santana), de 1940-1945.**



ISBN: 978-65-5221-120-0



9 786552 211200